



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL

Mulheres na Agroecologia: Um estudo bibliométrico

SHEYLA SAORI IYUSUKA

Araras

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO
DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO RURAL**

Mulheres na Agroecologia: Um estudo bibliométrico

SHEYLA SAORI IYUSUKA

ORIENTADORA: PROF^a. Dr^a. MARIA DE CLEOFAS FAGGION ALENCAR

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Agroecologia e
Desenvolvimento Rural como requisito
parcial à obtenção do título de MESTRE
EM AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO RURAL

Araras

2015

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

I97m Iyusuka, Sheyla Saori
Mulheres na Agroecologia : Um estudo
bibliométrico / Sheyla Saori Iyusuka. -- São Carlos
: UFSCar, 2016.
81 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de
São Carlos, 2015.

1. Bibliometria. 2. Mulheres. 3. Congressos
brasileiros de agroecologia. I. Título.



Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Sheyla Saori Iyusuka, realizada em 18/12/2015:

Profa. Dra. Maria de Cléofas Faggion Alencar
Embrapa

Profa. Dra. Maristela Simões do Carmo
UNESP

Prof. Dr. Fernando Silveira Franco
UFSCar

*Às mulheres da minha família,
às mulheres que lutam, às
mulheres que semeiam.*

Agradecimentos

A CAPES pela bolsa-auxílio.

A minha atenciosa orientadora Profa. Dra. Maria de Cleofas Faggion Alencar.

Aos Professores amigos: Maristela Simões do Carmo e Fernando Silveira Franco.

As mulheres que me inspiraram e me fortaleceram: Emma Siliprandi e Miriam Nobre.

Ao apoio da minha família.

As muitas amigas e amigos da turma de mestrado.

Aos irmãos e irmãs que escolhi para minha família do coração.

Ao meu companheiro e sua família.

E as mulheres rurais pelos aprendizados e convívio da vida.

ÍNDICE DE TABELAS

CAPÍTULO 2 – Artigo 1

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - CBAs, tema principal, publicação, Títulos das Sessões, Eventos Paralelos, nº de trabalhos apresentados e nº de participantes. | 28 |
| Tabela 2 - Número de Trabalhos Produzidos por Edição do CBA | 29 |
| Tabela 3 – Publicações por Instituição | 30 |
| Tabela 3.1 - Número de Artigos produzidos por tipo de instituição | 31 |
| Tabela 3.2 – Número de Participantes por instituição | 31 |

Capítulo 3 – Artigo 2

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Identificação das autorias nos Congressos Brasileiros de Agroecologia . | 64 |
|---|----|

ÍNDICE DE FIGURAS

CAPÍTULO 2 – Artigo 1

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Produções por tipo de instituição | 32 |
| Gráfico 2 - Evolução das Publicações com tema Mulher e total de artigos publicados/CBAs | 33 |
| Gráfico 3 - Produção de Artigos por Estado e Autoria | 34 |

CAPÍTULO 3 – Artigo 2

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Mapa da região Sul | 71 |
| Figura 2 – Mapa da região Centro-Oeste | 72 |
| Figura 3 - Mapa da região Nordeste | 73 |
| Figura 4 - Mapa da Região Norte | 74 |
| Figura 5 - Mapa da região Sudeste | 75 |
| Figura 6 - Nuvem de palavras com os termos pesquisados | 76 |

MULHERES NA AGROECOLOGIA: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

Autora: Sheyla Saori Iyusuka

Orientadora: Maria de Cleofas Faggion Alencar

RESUMO

A divisão sexual do trabalho traz as formas desiguais de como se estabelecem as relações de organização, produção e condução das escolhas nas formas de uso da terra. A presença das mulheres no cenário da agricultura ainda é marginalizada e dada como “ajuda” aos trabalhos masculinos, que são considerados “carros–chefe” da unidade produtiva, e se encontram em atividades de extensão aos trabalhos domésticos - como hortas, pequenas criações e outras atividades que envolvem os quintais. A partir disso, nos estudos rurais, é grande o desafio de se incorporar a mulher como sujeito e foco de pesquisas. Estes artigos entendem a importância de dar continuidade e visibilidade aos estudos e pesquisas que envolvem o tema de mulheres e gênero na agricultura, em especial na área do conhecimento da agroecologia. Desta forma, foi proposta uma análise bibliométrica dos trabalhos apresentados nos Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBAs). Considerando as diversas contribuições de diferentes áreas do conhecimento na agroecologia, a bibliometria pode fornecer informações importantes sobre os rumos de estudos e pesquisas desta área no Brasil. Para analisar os dados e o conteúdo dos resumos expandidos com o tema de mulheres e gênero, optou-se em organizá-los através de um filtro com os seguintes termos: gênero, mulheres, camponesas, mulheres rurais, trabalhadoras, feminino, agricultoras, produtoras, pescadoras, assentadas e catadoras. Os resumos selecionados a partir do filtro foram organizados através dos seguintes metadados: Título, Autoria, Afiliação, Ano de Publicação, Resumo e Palavra-chave. O primeiro artigo conseguiu-se analisar as autorias e afiliação, mostrando como cada estado/região do Brasil influenciou nas publicações durante os doze anos de CBA. Foi percebido também como o tema foi crescente durante as edições do evento e, neste momento, foi estudado a trajetória de grupos e instituições, nos diversos espaços da agroecologia, e como influenciaram as universidades, instituições de assistência técnica e extensão rural e organizações não governamentais com o tema. Já no segundo artigo, a leitura do corpus de textos possibilitou inserir as publicações em categorias de acordo com a complexidade de informações apresentadas e a diversidade de atividades rurais que estão inseridas as

mulheres. As categorias permitiram trazer as questões e os debates das mulheres na agroecologia, e como as autorias têm apresentado a realidade das mulheres nos espaços rurais. Para reforçar a visibilidade do tema, uma tabela com a identificação das autorias foi construída, além de mapas que permitiram a visualização dos locais e regiões que apontam os projetos, pesquisas, coletivos e grupos com mulheres.

Palavras-chaves: bibliometria, mulheres, congressos brasileiros de agroecologia.

ABSTRACT

The sexual division of work brings the forms of unequal as if establish relations of organization, production and conduct of choices in the forms of land use. The presence of women in the scenario of agriculture is still marginalized and amended as aid to work of the men, which are considered the main force of productive unit, and in extension activities to domestic work - as vegetable gardens, small livestock and other activities that involve the backyard. From addition, in rural studies, is a great challenge to incorporate the woman as the subject and focus of research. This article understands the importance of giving continuity and visibility to the studies and research that involve the theme of women and gender in agriculture, in particular in the area of knowledge of agroecology. This way, it was proposed a bibliometric analysis of the studies presented in the Brazilian Congresses of Agroecology (CBAs). Whereas the various contributions of different areas of knowledge in agroecology, bibliometrics can provide important information on the directions of studies and research in this area in Brazil. To analyze the data and the content of the abstracts expanded with the theme of women and gender, it was chosen to organize them through a filter with the following terms: gender, women, peasant, rural women, workers, women, farmers, producers, the ospreys, seated and garbage collectors. The summaries selected from the filter were organized through the following metadata: Title, Authorship, Affiliation, Year of publication, Abstract and Keyword. In this article we managed to analyze the authorship and affiliation, showing how each state/region of Brazil has influenced on publications during the twelve years of CBA. Was perceived also as the theme was growing during the editions of the event and, at this moment, it was studied the trajectory of groups and institutions in the various spaces of agroecology, and as

influenced the universities, technical assistance and rural extension and non-governmental organizations with the theme.

Key words: bibliometrics, women, brazilian congresses of agroecology.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| ÍNDICE DE TABELAS | i |
| ÍNDICE DE FIGURAS | ii |
| RESUMO | iii |
| ABSTRACT | iv |
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| INTRODUÇÃO GERAL | 1 |
| INTRODUÇÃO | 2 |
| REFERÊNCIAS | 6 |
| CAPÍTULO 2 | |
| Estudo Bibliométrico: As mulheres nos Congressos Brasileiros de Agroecologia..... | 6 |
| RESUMO..... | 7 |
| INTRODUÇÃO | 9 |
| MATERIAL E MÉTODOS | 11 |
| CONSTITUIÇÃO DO CORPUS | 13 |
| MÉTODOS DE ANÁLISE | 15 |
| RESULTADOS E DISCUSSÃO | 15 |
| CONCLUSÃO | 24 |
| REFERÊNCIAS | 27 |
| CAPÍTULO 3 | |
| As abordagens das mulheres na agroecologia | 35 |
| RESUMO | 36 |
| ABSTRACT | 37 |
| INTRODUÇÃO | 38 |
| MATERIAL E MÉTODOS | 43 |
| RESULTADOS E DISCUSSÃO | 44 |
| CONCLUSÃO | 54 |
| REFERÊNCIAS | 60 |
| CAPÍTULO 4 – Considerações Finais | 77 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 78 |

Capítulo 1
INTRODUÇÃO GERAL

INTRODUÇÃO GERAL

Nos estudos rurais é grande o desafio de se incorporar a mulher como sujeito e foco de pesquisas. Muitos estudos e pesquisas apontam como a mulher foi ocultada e/ou marginalizada na produção científica tradicional. Parte disso se deve à sociedade moderna ter construído “um ideal de esfera pública e instituições políticas fundadas numa moral racional” e dessa moral racional estão excluídos “o desejo, a empatia, afetividade, sentimentos. Esses são compreendidos como manifestações irracionais ou identificados com as mulheres” (LOURO, 1998). Entendendo que essa maneira androcêntrica, onde as experiências masculinas são colocadas como ação universal desconsiderando as experiências e sabedoria feminina, não é uma situação dada apenas ao modo de se fazer ciência e tecnologia. As construções de ações e políticas públicas, com o objetivo de promover o bem-estar humano, também acabam reproduzindo um comportamento cada vez mais excludente das mulheres na sociedade.

No Brasil, as pesquisas com o tema de gênero centradas na questão do acesso ao mercado de trabalho se iniciam na década de 80 e, posteriormente, nos desdobramentos do tema da divisão sexual do trabalho. No mundo rural, a divisão sexual, entre produção e reprodução, torna-se menos perceptível quando comparada à realidade da mulher urbana, uma vez que as atividades no ambiente rural se dão no mesmo espaço físico, e no ambiente urbano se dá em diferentes ambientes. A abordagem das relações de gênero, expostas nesta dissertação, traz à luz a interpretação de Danièle Kergoat (2000), afirmando que as condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas, sobretudo, construções sociais. Homens e mulheres não são uma coleção – ou duas coleções – de indivíduos biologicamente diferentes. Eles formam dois grupos sociais envolvidos numa relação social específica: as relações sociais de sexo.

Desta forma, a necessidade de explorar as relações sociais, vivenciadas pelas diferenças do sexo, é importante para entender as formas de organização da agricultura familiar quando inserida em sua complexidade, principalmente no mundo do trabalho.

A pesquisadora Emma Siliprandi (2007) afirma que o debate sobre gênero e agricultura familiar tem avançado bastante nos últimos anos, centrado tanto na

invisibilidade do trabalho feminino nas atividades produtivas e reprodutivas, como nas perspectivas que se abrem para as mulheres com a ascensão cada vez maior das atividades não agrícolas como geradoras de renda no meio rural. No entanto, algumas questões permanecem em aberto, e merecem uma reflexão quando nos perguntamos o lugar das mulheres nas propostas agroecológicas e as perspectivas de emancipação vinculadas a essas atividades. (SILIPRANDI, 2007)

Nota-se que as formas desiguais de como se estabelecem as relações de organização, produção e uso da terra, ainda é uma realidade vivenciada por muitas mulheres rurais. Estudos como de Silva & Schneider (2010), mostra como as trabalhadoras são marginalizadas e consideradas como “ajudantes” aos trabalhos masculinos. Muitas delas se encontram em atividades consideradas como extensão doméstica: hortas, diversificação de quintais e criação de pequenos animais. Estas atividades não são vistas como importantes e que agregam, não apenas renda monetária, as condições para manutenção da segurança alimentar e qualidade de vida para todos integrantes da família. Desta forma, pesquisadoras-es (SILVA & SCHNEIDER, 2010; SILIPRANDI, 2009) consideram os estudos sobre o tema importantes, mas ressaltam que permanecem lacunas para as alternativas desta desigualdade.

Em relação à agroecologia, Emma Siliprandi (2009) sintetiza os conceitos abordados por Altieri, Sevilla Guzmán e Molina, da seguinte maneira: (i) visão de que os camponeses (entendidos como todos os grupos tradicionalmente excluídos ou subordinados da “modernidade” no campo, tais como indígenas e povos tradicionais) devem ser os sujeitos ativos dessas propostas, em diálogo com as disciplinas científicas conhecidas (agronomia, ecologia, sociologia e economia rurais, etc.); (ii) a idéia de que é preciso observar a natureza e tirar lições da sua forma de funcionamento; em particular, dos seus sistemas de regeneração; (iii) a necessidade de investir-se em inovações tecnológicas que partam de outros pressupostos (como a maior eficiência energética, o menor uso de insumos) que não a busca do lucro e do aumento da produtividade, simplesmente. (SILIPRANDI, 2009). É a partir da constante produção de conhecimento da agroecologia que outros campos de estudos e elementos são incorporados para dialogar, principalmente, as relações de gênero e a realidade da mulher rural. Alguns assuntos, que permeiam o tema de gênero,

mulheres e agroecologia, se desdobram em estudos e conceitos, como por exemplo, o ecofeminismo, da economia feminista, da segurança e soberania alimentar.

Esta pesquisa entende a importância de dar continuidade e visibilidade aos estudos e pesquisas que envolvem o tema de mulheres e gênero na agricultura, em especial na área do conhecimento da agroecologia. Desta forma, foi proposta uma análise bibliométrica dos trabalhos apresentados nos Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBAs). Os congressos são considerados os mais importantes espaços de difusão do conhecimento técnico-científico da agroecologia no Brasil, e vale ressaltar que este estudo complementa as análises de Aventurier et al (2014), mostrando quanto o tema mulher e gênero é crescente nos doze anos de CBAs.

Para analisar os dados e o conteúdo dos resumos expandidos com o tema de mulheres e gênero, optou-se em organizá-los através de um filtro com os seguintes termos: gênero, mulheres, camponesas, mulheres rurais, trabalhadoras, feminino, agricultoras, produtoras, pescadoras, assentadas e catadoras. Os resumos selecionados a partir do filtro foram organizados através dos seguintes metadados: TÍTULO, AUTORIA, AFILIAÇÃO, ANO DE PUBLICAÇÃO, RESUMO E PALAVRA-CHAVE. No primeiro artigo conseguiu-se analisar as autorias e afiliação, mostrando como cada estado/região do Brasil influenciou nas publicações durante os doze anos de CBA. Foi percebido também como o tema foi crescente durante as edições do evento e, neste momento, foi estudado a trajetória de grupos e instituições, nos diversos espaços da agroecologia, e como influenciaram as universidades, instituições de assistência técnica e extensão rural e organizações não governamentais com o tema.

Já no segundo artigo, a leitura do *corpus* de textos possibilitou inserir as publicações em categorias de acordo com a complexidade de informações apresentadas e a diversidade de atividades rurais que estão inseridas as mulheres. As categorias permitiram trazer as questões e os debates das mulheres na agroecologia, e como as autorias têm apresentado a realidade das mulheres nos espaços rurais. Para reforçar a visibilidade do tema, uma tabela com a identificação das autorias foi construída, além de mapas que permitiram a visualização dos locais e regiões que apontam os projetos, pesquisas, coletivos e grupos com mulheres.

Algumas questões foram feitas durante as conclusões dos artigos que compõem esta pesquisa e ficam abertas, neste estudo, para reflexão e apropriação

por parte das diversas autorias e instituições que vêm promovendo a agroecologia no Brasil. O tema vem ganhando espaços cada vez maiores nos congressos e garantir a reflexão sobre a realidade de mulheres rurais torna-se cada vez mais demandante e necessária para encontrar respostas e ações positivas diante das desigualdades sexual, social e econômicas, existentes no mundo rural.

REFERÊNCIAS

- AVENTURIER, P.; OLLIVIER, G.; ALENCAR, M. de C. F.; BELLON, S. *Estudo cientométrico dos Congressos Brasileiros de Agroecologia*. In: BRANDENBURG, A. *Agroecologia na França e no Brasil: entre redes científicas, movimentos sociais e políticas públicas*. [s. n] 2014. 27p.
- CASTILHO E SILVA, C. B. de; SCHNEIDER, S. *Gênero, trabalho rural e pluriatividade*. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M.; (Orgs). *Gênero e Geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010, p.185-210.
- KERGOAT, D. *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*. In TEIXEIRA, M. EMÍLIO, M. NOBRE, M. e GODINHO T. (org.). *Desafios para as políticas públicas: trabalho e cidadania para as mulheres*. São Paulo, 2003. p. 55-64.
- LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998, 179p.
- SILIPRANDI, E. C. *O processo de organização das mulheres dentro da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) no Brasil*. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6, 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 440
- SILIPRANDI, E.C. *Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar*. 2009. 291p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- SILVA, C.B.C; SCHNEIDER, S. *Gênero, Trabalho rural e Pluriatividade*. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO; Rosineide e MENEZES, Marilda (Org.) *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Florianópolis/SC, Ed. Mulheres, 2010, pg. 183-207

Capítulo 2

Artigo1

**Estudo Bibliométrico: As mulheres nos Congressos Brasileiros de
Agroecologia**

ESTUDO BIBLIOMÉTRICO: AS MULHERES NOS CONGRESSOS BRASILEIROS DE AGROECOLOGIA

Autora: Sheyla Saori Iyusuka

Orientadora: Maria de Cleofas Faggion Alencar

RESUMO

A divisão sexual do trabalho traz as formas desiguais de como se estabelecem as relações de organização, produção e condução das escolhas nas formas de uso da terra. A presença das mulheres no cenário da agricultura ainda é marginalizada e dada como “ajuda” aos trabalhos masculinos, que são considerados “carros–chefe” da unidade produtiva, e se encontram em atividades de extensão aos trabalhos domésticos - como hortas, pequenas criações e outras atividades que envolvem os quintais. A partir disso, nos estudos rurais, é grande o desafio de se incorporar a mulher como sujeito e foco de pesquisas. Este artigo entende a importância de dar continuidade e visibilidade aos estudos e pesquisas que envolvem o tema de mulheres e gênero na agricultura, em especial na área do conhecimento da agroecologia. Desta forma, foi proposta uma análise bibliométrica dos trabalhos apresentados nos Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBAs). Considerando as diversas contribuições de diferentes áreas do conhecimento na agroecologia, a bibliometria pode fornecer informações importantes sobre os rumos de estudos e pesquisas desta área no Brasil. Para analisar os dados e o conteúdo dos resumos expandidos com o tema de mulheres e gênero, optou-se em organizá-los através de um filtro com os seguintes termos: gênero, mulheres, camponesas, mulheres rurais, trabalhadoras, feminino, agricultoras, produtoras, pescadoras, assentadas e catadoras. Os resumos selecionados a partir do filtro foram organizados através dos seguintes metadados: Título, Autoria, Afiliação, Ano de Publicação, Resumo e Palavra-chave. Nesse artigo conseguiu-se analisar as autorias e afiliação, mostrando como cada estado/região do Brasil influenciou nas publicações durante os doze anos de CBA. Foi percebido também como o tema foi crescente durante as edições do evento e, neste momento, foi estudado a trajetória de grupos e instituições, nos diversos espaços da agroecologia, e como influenciaram as universidades,

instituições de assistência técnica e extensão rural e organizações não governamentais com o tema.

Palavras-chaves: bibliometria, mulheres, congressos brasileiros de agroecologia.

ABSTRACT

The sexual division of work brings the forms of unequal as if establish relations of organization, production and conduct of choices in the forms of land use. The presence of women in the scenario of agriculture is still marginalized and amended as aid to work of the men, which are considered the main force of productive unit, and in extension activities to domestic work - as vegetable gardens, small livestock and other activities that involve the backyard. From addition, in rural studies, is a great challenge to incorporate the woman as the subject and focus of research. This article understands the importance of giving continuity and visibility to the studies and research that involve the theme of women and gender in agriculture, in particular in the area of knowledge of agroecology. This way, it was proposed a bibliometric analysis of the studies presented in the Brazilian Congresses of Agroecology (CBAs). Whereas the various contributions of different areas of knowledge in agroecology, bibliometrics can provide important information on the directions of studies and research in this area in Brazil. To analyze the data and the content of the abstracts expanded with the theme of women and gender, it was chosen to organize them through a filter with the following terms: gender, women, peasant, rural women, workers, women, farmers, producers, the ospreys, seated and garbage collectors. The summaries selected from the filter were organized through the following metadata: Title, Authorship, Affiliation, Year of publication, Abstract and Keyword. In this article we managed to analyze the authorship and affiliation, showing how each state/region of Brazil has influenced on publications during the twelve years of CBA. Was perceived also as the theme was growing during the editions of the event and, at this moment, it was studied the trajectory of groups and institutions in the various spaces of agroecology, and as influenced the universities, technical assistance and rural extension and non-governmental organizations with the theme.

Key words: bibliometrics, women, brazilian congresses of agroecology.

INTRODUÇÃO

Nos estudos rurais é grande o desafio de se incorporar a mulher como sujeito e foco de pesquisas. Dentro desta perspectiva e segundo Harding (1987); Scott (1988, 1995); Flax (1992); Dias (1994), Louro (1997, 1998), a mulher foi ocultada e/ou marginalizada na produção científica tradicional.

No Brasil, as pesquisas com o tema de gênero, centradas na questão do acesso ao mercado de trabalho, se iniciam na década de 80 e, posteriormente, nos desdobramentos do tema da divisão sexual do trabalho. As relações sociais se mostram desiguais, sexistas e androcêntricas, e, permeadas por representações simbólicas, invisibilizam o trabalho das mulheres, muitas vezes incorporado pela responsabilidade reprodutiva. Furno & Gomes (2015), baseado em interpretações de Helena Hirata (1987) e Daniele Kergoat (1987), afirmam que a divisão sexual do trabalho é a maneira como o trabalho é dividido socialmente nas relações entre os sexos, sendo essa forma histórica e conjunturalmente modificada em cada sociedade. Embora vivenciada sob distintas perspectivas históricas, o que tem permanecido e perpassado os distintos modos de produção, é a designação prioritária dos homens à esfera produtiva, e conseqüentemente, ao espaço público e de poder, e as mulheres a esfera reprodutiva.

No mundo rural, esta divisão sexual entre produção e reprodução torna-se menos perceptível quando comparada à realidade da mulher urbana. As atividades dos cuidados e da geração de renda no ambiente rural se dão no mesmo espaço físico, e no ambiente urbano, na sua maioria, são separadas nos espaços casa/lar e trabalho/profissional.

A divisão sexual do trabalho traz as formas desiguais de como se estabelecem as relações de organização, produção e condução das escolhas nas formas de uso da terra. A presença das mulheres no cenário da agricultura ainda é marginalizada e dada como “ajuda” aos trabalhos masculinos, que são considerados “carros–chefe” da unidade produtiva, e se encontram em atividades de extensão aos trabalhos domésticos - como hortas, pequenas criações e outras atividades que envolvem os quintais. Esta situação evidencia muitos graus da hierarquia de trabalho e pode ser exemplificada através das mais variadas realidades e contextos rurais, mas

é dentro da concepção de relação de trabalho da atividade produtiva com a família que a mulher é colocada em uma posição da esfera considerada “doméstica”. Exemplo disso, podemos citar o trabalho realizado por Laura de Biase (2011), na região do Pontal do Paranapanema/SP, e analisado sob a ótica da agroecologia e a perspectiva feminista. O trabalho mostrou que o mapa sazonal confeccionado pelas mulheres no período da seca, através de desenhos, apresentou diversos elementos como: produção do leite, irrigação das hortas, diminuição da renda, ausência do marido na unidade de produção, doenças nas crianças e etc. Já o mapa confeccionado pelos homens, foi limitado às atividades agropecuárias, mais especificamente à comercialização, com apresentação gráfica linear e nitidamente mostrando os fatores produtivos e monetários.

Após a apresentação destes mapas, torna-se nítida a percepção e o envolvimento da mulher nos trabalhos voltados aos cuidados, com as crianças, saúde e alimentação, em atividades consideradas extensão doméstica. As preocupações como a ausência do marido em períodos escassos de colheita e o baixo retorno financeiro das atividades produtivas são elementos que contextualizam a realidade da mulher rural. Para os homens estas preocupações e sentimentos não surgiram, sobressaindo apenas a questão produtiva e econômica. Estas representações reafirmam as questões colocadas inicialmente por Louro (1998), nas quais a moral racional, considerada masculina, prevalece sobre o desejo, a empatia, afetividade e os sentimentos, considerados femininos.

Este artigo entende a importância de dar continuidade e visibilidade aos estudos e pesquisas que envolvem o tema de mulheres e gênero na agricultura, em especial na área do conhecimento da agroecologia. Considerando os estudos relacionados com a concepção da ciência e tecnologia na abordagem das mulheres, como os estudos de Louro (1998) e Harding (2007), as contribuições da perspectiva feminista na economia e na ecologia e a construção do tema através da agroecologia e da agricultura familiar, como mostram os estudos de Faria & Nobre (2003), Luzzi (2007), Siliprandi (2009), Faria (2009), Puleo (2004) e Butto (2011), foi proposta uma análise bibliométrica dos trabalhos apresentados nos Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBAs). Os congressos são considerados os mais importantes espaços de difusão do conhecimento técnico-científico da agroecologia no Brasil, e vale

ressaltar que este estudo complementa as análises de Avenirier *et al* (2014), mostrando quanto o tema mulher e gênero é crescente nos doze anos de CBAs.

Fazendo um retrospecto dos CBAs, têm-se que nos cinco primeiros, as temáticas se mantêm as mesmas: desenvolvimento rural, sociedade e natureza, manejo de agroecossistemas sustentáveis, uso e conservação de recursos naturais, acrescidos das sessões diversos e outras temáticas. Para os eventos seguintes, VI, VII e VIII CBAs, apresenta-se nova configuração e são abordadas temáticas importantes e atuais: políticas públicas, transição agroecológica, mulheres e juventude. Desta forma, entendendo os diferentes momentos dos Congressos Brasileiros de Agroecologia e o surgimento de temas específicos durante esta trajetória, optou-se por considerar a visibilidade dos trabalhos envolvendo gênero e mulheres rurais através dos títulos dos resumos expandidos, na possibilidade de avaliar quanto determinado tema influencia, ou é influenciado, pela comunidade acadêmica e outras organizações na publicação de estudos e pesquisas. Assim, neste trabalho é proposta a análise dos temas que envolvem gênero e mulheres rurais durante os doze anos de trabalhos publicados nos Congressos Brasileiros de Agroecologia.

MATERIAL E MÉTODOS

A bibliometria é um método de pesquisa que cria indicadores através de análises de publicações e ajuda a identificar o desenvolvimento de áreas do conhecimento, em uma gama de produções científicas que vão desde a individual até todo um setor temático no período definido pelo pesquisador. O seu uso como ferramenta de mensuração científica se deve, em parte, à proliferação e disponibilidade de fontes e recursos de informação secundária em formato digital, conhecidas como bases de dados – consequência direta do avanço das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) – que tornaram possível o acesso e a manipulação de grandes volumes de dados a grandes distâncias (ARENCEBIA JORGE & ARAUJO RUIZ, 2004).

Segundo Spinak (1996), a bibliometria estuda a organização dos setores científicos e tecnológicos a partir de fontes bibliográficas e produções para identificar os atores, suas relações e tendências. Os índices bibliométricos também são utilizados para avaliar a produtividade e a qualidade da pesquisa dos cientistas, por

meio da medição com base nos números de publicações e citações dos diversos pesquisadores. Segundo Braga (1974), uma das pioneiras no estudo da área no Brasil, ressalta que a bibliometria examina as relações entre diferentes variáveis como: recursos humanos-documentos, artigos-periódicos, produção-consumo, etc., ou seja, o número de artigos que originam as citações, o nº de instituições que produzem os doutorados, o nº de autores com os artigos são exemplos desta relação.

Considerando as diversas contribuições de diferentes áreas do conhecimento na agroecologia, a bibliometria pode fornecer informações importantes sobre os rumos de estudos e pesquisas desta área no Brasil.

No trabalho de Aventurier *et al* (2015), pesquisou-se a produção técnico-científica internacional de agroecologia nas bases de dados Web of Science e Scopus e verificou-se que no estudo da produção internacional se encontrou menos de 150 textos de pesquisadores brasileiros em mais de 2500 artigos em Agroecologia, que representa um número pequeno em relação à dinâmica de produção de conhecimento em Agroecologia no Brasil (AVENTURIER *et al.*, 2015).

Ainda na análise destes autores, existem mais de 8.000 textos sobre o assunto publicados em congressos, artigos de revistas, dissertações e teses que estão sendo coletados e armazenados para estudos dos projetos “Repositório de acesso livre para agroecologia e agricultura orgânica do Brasil” (FAPESP, projeto 2009/54940-9) e “Agroecologia na França e no Brasil: entre redes científicas, movimentos sociais e políticas públicas” (CAPES/COFECUB, projeto 716/2011). Embora a história da Agroecologia no Brasil tenha se manifestado com abundância de atividades, principalmente nos congressos em agroecologia, a sua visibilidade não corresponde à dinâmica da produção técnico-científica internacional (AVENTURIER *et al.*, 2015).

Para este estudo formou-se um *corpus*, que são documentos organizados dentro de um mesmo tema, fornecido pelo site da ABA (Associação Brasileira de Agroecologia)¹ dos anais dos CBAs (Congressos Brasileiros de Agroecologia)² com

¹ <http://www.aba-agroecologia.org.br>- A ABA nasce em 2004, após o surgimento da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), durante o II Congresso Brasileiro de Agroecologia; V Seminário Internacional sobre Agroecologia; e VI Seminário Estadual sobre Agroecologia, em Porto Alegre (RS). Desde 2006 realiza a editoração da Revista Brasileira de Agroecologia (RBA) e junto com a ANA mantém um sistema de informações de acesso livre e público destinado a socializar ensinamentos de experiências, pesquisas em Agroecologia e profissionais envolvidos, no Brasil e na América Latina.

² Segundo Luzzi (2004), os Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBAs) são realizados desde 2003 e são promovidos por instituições de ensino, pesquisa e extensão rural (públicas e privadas). Os CBAs

os seguintes metadados: TÍTULO, AUTOR, AFILIAÇÃO, ANO DE PUBLICAÇÃO, RESUMO E PALAVRA-CHAVE. Os

metadados são informações que acrescem aos dados e que têm como objetivo informar-nos sobre eles para tornar mais fácil a sua organização. Ressalta-se que os indicadores de atividade científica são os mais simples, mas fornecem informações valiosas, uma vez que a quantidade e distribuição das publicações de determinadas áreas do conhecimento, grupos de pesquisa, instituições ou países (SANCHO, 1990), refletem aspectos importantes da dinâmica de produção de conhecimento específica de cada uma daquelas unidades.

CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

A análise dos trabalhos publicados nos anais dos Congressos Brasileiros de Agroecologia se deu através de uma busca de palavras no acervo das publicações do CBA, disponibilizado pela ABA através de seu site. Este acervo está organizado nos Cadernos de Agroecologia (CA) e na Revista Brasileira de Agroecologia (RBA). A Embrapa Meio Ambiente (Jaguariúna/SP) também possui este material organizado por meio do projeto anteriormente citado “Repositório de Acesso Aberto para a Literatura em Agroecologia do Brasil”. Vale ressaltar que os CBAs I, II e V estão duplicados nas duas revistas e nestas não estão disponíveis os CBAs III e IV. A partir de 2007, a ABA passa a publicar os eventos em Agroecologia, inclusive os CBAs. A Revista Brasileira de Agroecologia existe desde 2006 e iniciou as publicações dos anais dos CBAs junto com os Cadernos de Agroecologia. Apesar de ambos serem periódicos diferentes e não cobrirem toda a produção acadêmica brasileira, são considerados fontes importantes de organização da produção técnico-científica da agroecologia.

Foi realizada uma análise entre os metadados (Título, Autoria, Afiliação, Ano de Publicação, Resumo e Palavra-chave) dos artigos e a leitura a partir dos títulos de cada resumo selecionado por meio das palavras indicadoras do tema da pesquisa (gênero, mulheres, camponesas, mulheres rurais, trabalhadoras, feminino, agricultoras, produtoras, pescadoras, assentadas e catadoras). Entendendo a atual abordagem da agroecologia com a diversidade de atividades que envolvem as

são derivados dos Seminários Estaduais de Agroecologia realizados pela EMATER/RS (1999-2002) e constituem espaços preferenciais para apresentação e debate de trabalhos científicos sobre agroecologia.

mulheres rurais, e conciliando a afirmação de Salvaro *et al* (2013): Tendo em vista a complexidade que envolve a produção de determinada identidade política, é pertinente considerar que as reivindicações (e conquistas) das mulheres agricultoras pelo reconhecimento profissional e por direitos trabalhista-previdenciários se inserem em campos de disputas por reconhecimento cultural (na esfera da diferença, envolvendo demandas de gênero, étnicas...)” (SALVARO *et al.*, 2013)

Incluir na filtragem os termos trabalhadoras, agricultoras, pescadoras, assentadas e catadoras é, como indica as autoras, uma busca pela igualdade por meio da afirmação da diferença, sustentando a construção da identidade e que possibilita o acesso a determinados direitos sociais. Observa-se que algumas destas palavras são também referenciadas pelas diretrizes do governo federal através do Plano Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário³, que evidencia as mulheres rurais como: agricultoras familiares, assentadas da reforma agrária, assentadas do crédito fundiário, mulheres extrativistas, mulheres das águas, pescadoras artesanais, indígenas, mulheres quilombolas, quebradeiras de coco, geraizeiras, mulheres faxinalenses, caçaras, pantaneiras, mulheres pertencentes às populações de fundo e fecho de pasto, catadoras de mangaba, ciganas e pomeranas, entre outras.

Este filtro permitiu identificar os resumos expandidos que possuem em seus conteúdos alguma abordagem sobre o tema das mulheres. Cada um dos CBAs possui um tema específico que caracteriza algum período da história da agroecologia no Brasil, como mostra a Tabela 1 organizada por Aventurier *et al* (2015). Nota-se que apenas em 2011, no VII CBA, a comissão organizadora do congresso decide colocar como título de sessão, para apresentação dos trabalhos, o tema “Mulheres e Agroecologia”. As edições anteriores dos congressos não tiveram espaços divididos com esta referência, portanto a filtragem com os termos foi importante para selecionar os resumos expandidos no total das publicações. Esta trajetória foi marcada pelo fomento aos diferentes espaços de debate e plena participação de agricultores e agricultoras como protagonistas da sua construção e, ainda, permite o conagraamento

³ A I Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (CNDRSS) foi convocada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável –CONDRAF em 2008 – e em 2014 já foi aprovada através de sua segunda edição o II Plano Nacional (PNDRSS) que traz objetivos, metas e iniciativas de curto, médio e longo prazo para o desenvolvimento rural brasileiro. A 2ºCNDRSS teve paridade de gênero na eleição de representantes e possui propostas para subsidiar e fortalecer as estratégias de enfrentamento da desigualdade de gênero no meio rural.

de outros eventos em paralelo, seminários estaduais, encontros, congressos internacionais, mas, principalmente, aqueles voltados para educação.

MÉTODOS DE ANÁLISE

Pelo número reduzido de resumos expandidos constituindo o objeto da pesquisa, optou-se por realizar as identificações textuais em cada trabalho a partir dos dados de autoria, instituições, local da pesquisa, palavras-chaves, título e resumo. Realizou-se a leitura de cada trabalho e a organização das informações expressas pelos autores. O corpus fornecido pela ABA não é um banco de dados padronizado e nem sempre possui as mesmas informações, mas estas diferenças não prejudicaram as análises dos metadados. Avaliar como os diversos organizadores dos CBAs, incluindo a ABA, vêm incorporando os temas relacionados à mulher rural nos espaços de divulgação do conhecimento da agroecologia também se tornou objetivo da pesquisa. Os metadados permitiram identificar os (as) autores (as), suas instituições, local da pesquisa e tipo institucional (governamental ou não governamental) e principais temas. Os resultados foram analisados e comparados com os momentos de cada CBA e sua respectiva construção com os diversos atores envolvidos com o tema da agroecologia no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 5.127 trabalhos publicados em 12 anos de realização dos CBAs, e deste corpus, foram filtradas com as palavras indicadoras do tema da pesquisa, apenas 75 resumos expandidos – ver Tabela 2 -, um número bastante reduzido quando comparado a grande quantidade de publicações que envolvem as comunidades técnico-científicas nos congressos. Este resultado traz um vasto campo de análises e considerações que vai desde o questionamento dos padrões de desenvolvimento da ciência até a visibilidade do tema das mulheres rurais. A baixa produção de pesquisas pode ser traduzida aqui através de dois lados complementares: citar as perspectivas da ciência e tecnologia na valorização do feminino e a ótica da mulher limitada à esfera doméstica. E na possibilidade de compreender este resultado da pesquisa, são consideradas algumas interpretações, como por exemplo, a de Harding (2007) sobre a ciência ocidental. Podemos afirmar

que se de um lado temos a valorização da ciência reducionista, objetiva, racional e de bons métodos, do outro lado surge a negação do empírico e do primitivo, se distanciando das práticas e qualidades associadas ao feminino. Nesta mesma linha, Sorj (1992) afirma que a sociedade moderna é fundada em uma moral racional e exclui os desejos, a empatia, a afetividade e sentimentos. Itens entendidos como manifestações irracionais ou identificados com as mulheres.

Sob a ótica da mulher limitada à esfera doméstica, Menasche (1996) aponta que o trabalho familiar ainda mantém desigualdades, caracterizado por papéis onde cabe as mulheres os cuidados da casa e das atividades de reprodução familiar (cultivo de hortas e ervas medicinais, pequenas criações) e aos homens os cuidados das atividades produtivas, voltadas para o mercado. Esses papéis evidenciam que as funções das mulheres apenas “ajudam”, desvalorizando o trabalho feminino uma vez que na lógica produtiva as tarefas domésticas não geram renda monetária. E desta forma, os trabalhos considerados femininos são continuamente invisíveis aos padrões racionais, lineares e reducionistas, valorizados pela ciência e outros segmentos da sociedade.

Seguindo a identificação dos resultados, e mostrando a relação das óticas apresentadas, o Gráfico 1 e a tabela 3, mostram o número de instituições envolvidas nas publicações durante os CBAs. Nota-se que as Instituições de Ensino Superior são as que mais publicam trabalhos nos congressos brasileiros de agroecologia, seguidas pelos órgãos públicos. Neste caso e em maior número, representado pelas instituições de assistência técnica e extensão rural (ATER), ver a Tabela 3.2: INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Assistência Rural) e EMATER/RS (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural).

O resultado define a missão dos congressos brasileiros de agroecologia: é pensado como um espaço de valorização da agroecologia como ciência e vêm aglutinando o “diálogo entre os conhecimentos científicos e práticos, construídos por todos os parceiros da agricultura familiar e camponesa no Brasil e no mundo”⁴. Entendendo a missão dos congressos e o papel que as universidades cumprem na construção da ciência e tecnologia, é notada a grande presença das universidades em autorias institucional única, ou em parceiras com outras instituições. Como

⁴ Apresentação do IX CBA-2015 Disponível em < <http://www.cbagroecologia.org.br/p/o-congresso.html>>. Acesso em 05 out. 2015.

exemplo, podemos citar a Universidade Federal de Viçosa que, no ano de 2009 durante o VI CBA, publicou três trabalhos: dois (02) em autorias únicas e apenas um (01) em parceria com a ONG Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata/MG.

É necessário ressaltar que, mesmo com a padronização de uma ciência androcêntrica, constata-se a incorporação crescente do tema sobre gênero e mulheres nos CBAs, representada pelo Gráfico 2. A linha que corresponde ao tema de gênero e mulheres se inicia em 2003, no I CBA, representando apenas três (03) artigos publicados, e finaliza em 2013, no VIII CBA, com 21 publicações. Nota-se que há um momento decrescente, entre os anos de 2005 e 2006⁵, não encontrando no IV CBA, em 2006, publicações de resumos com este tema (ver Gráfico 2).

Em busca de documentos que possam trazer referências dos períodos que o tema começa a ser abordado nos congressos em painéis, oficinas e agrupamento por assunto dos trabalhos, há evidências que este tema, formalmente, surge no IV CBA através de uma mesa simultânea, “Educação, Gênero e Sociobiodiversidade”, e mesmo com a ausência de resumos com o tema neste ano, esta informação pode ser indicadora da crescente construção do tema nos anos seguintes, Nos congressos seguintes (VI, VII e VIII CBAs) há mesas e oficinas específicas ao tema. Vale ressaltar que durante o VI CBA, dois momentos foram dedicados exclusivamente a essa temática: um painel sobre Gênero e Agroecologia e uma oficina intitulada ‘Por uma Agenda que Valorize o Papel das Mulheres na Agroecologia’ (AGUIAR et al., 2009). E que apenas no VII CBA (2011) ocorre a formalização de um título de sessão com o tema “Mulheres e Agroecologia”, com 17 publicações na sessão (ver tabela 1).

Neste momento, ainda em 2011, durante o VII CBA, um GT foi criado através da organização da ABA: GT de Gênero. Este Grupo de Trabalho foi dimensionado a partir dos acúmulos que o próprio GT da ANA já demandava nos espaços da agroecologia, e seus objetivos se baseiam na articulação e visibilidade dos trabalhos femininos, das pesquisadoras que atuam com as mulheres rurais e relações de gênero, no fomento de diversas organizações e instituições para influenciar chamadas públicas e editais do CNPQ (Conselho Nacional de

⁵ Os Congressos Brasileiros de Agroecologia passaram a ser realizados a cada dois anos com o objetivo de dar condições para que eventos regionais fossem realizados e priorizados, reforçando o debate sobre a Agroecologia nos locais onde deve ser desenvolvida. Disponível em < <http://www.abagroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/viewFile/7569/5456>>. Acesso em 05 out.2015.

Desenvolvimento Científico e Tecnológico), e no impulso de pesquisas, metodologias e práticas que favoreçam a participação de mulheres e a problematização das relações de gênero.

O grande impulso que ocorreu em publicações, entre os anos de 2007 e 2009, é marcante pela identificação da Tabela 01: o número cresce de 421 publicações durante o V CBA, para 1093 publicações no VI CBA. No editorial da Revista Brasileira de Agroecologia, V3 N2 (2008), o coordenador editorial afirma que há uma busca para a qualificação da revista neste período: esse espírito deve ser sempre presente na editoração da Revista Brasileira de Agroecologia, que atualmente aguarda uma definição por parte de avaliadores de revista, como por exemplo o referenciamento de revistas científicas Qualis. Ainda coloca que pretende fazer a revista crescer em 2009 e qualificar-nos para darmos suporte ao crescimento da Agroecologia, que pode ser medido pelo grande número de novos cursos em todos os níveis de educação - formal ou informal -, pelos vários editais de financiamento de pesquisa e extensão, e pelo grande número de eventos em Agroecologia em todo o Brasil. A qualificação de uma Revista é consequência da qualidade dos artigos publicados, que são o resultado do trabalho coletivo de autores, editores e avaliadores. Nesse sentido, o editor coloca que, ao longo de 2008 a revista cresceu no número de editores e de avaliadores, para melhor desempenhar suas funções. (FÁBIO DAL SOGLIO, 2008)

Estas mudanças estruturais da revista podem ter influenciado o impulso de publicações que se iniciou em 2009 e, somando a isso, percebe-se que o tema no conjunto dos eventos também adquiriu um crescimento exponencial: de cinco (05) publicações em 2007, para 14 no ano de 2009.

Aguiar *et al* mostram que o Movimento Agroecológico Latino-americano (Maela) e a Sociedade Científica Latino-americana de Agroecologia (Socla), organizações sociais importantes do movimento agroecológico da América Latina, se associaram à ANA e à ABA-Agroecologia para organizar a oficina no VI CBA (ano 2009) e ambas as organizações ressaltaram o papel fundamental desempenhado pelas mulheres na agroecologia, principalmente na conservação da agrobiodiversidade, no resgate das sementes e na segurança e soberania alimentar. Além dos espaços específicos para o debate sobre relações de gênero na agroecologia, o tema foi abordado em outros momentos durante o congresso

(pôsteres e apresentações orais) e também no documento político do evento – a Carta Agroecológica de Curitiba – que ressaltou a importância das mulheres. Ainda no artigo das autoras, traz-se a informação de que foram raras as vezes que o tema das relações de gênero foi incorporado às atividades centrais dos Congressos Brasileiros de Agroecologia e que, neste sentido, esses momentos levantados como exclusivos a temática revelam um avanço significativo desse último evento, muito embora apenas quinze mulheres tenham sido convidadas a participar como palestrantes ou como facilitadoras (21% do total).

As conclusões apontadas nesses eventos foram de que a questão de gênero deveria ser incorporada como um tema estruturador dos processos de construção do conhecimento agroecológico pela ABA-Agroecologia, o que poderia se dar por dois caminhos: 1) o reconhecimento pelos setores de ensino, pesquisa e extensão do papel das mulheres na promoção da Agroecologia e das agriculturas de base ecológica; 2) e através da divulgação das trajetórias das mulheres na construção do conhecimento agroecológico, fossem elas pesquisadoras, extensionistas, técnicas ou educadoras. Ambas as orientações deveriam partir da seguinte reflexão: “Não estaríamos reproduzindo na Agroecologia uma cultura científica que exclui as mulheres, invisibiliza sua contribuição para a produção do conhecimento e reforça desigualdades de poder?” (AGUIAR *et al.*, 2009)

O Gráfico 3 apresenta o número de artigos publicados com o referido tema por estado e a quantidade de publicações por sexo (ver gráfico 3). Observa-se em ordem decrescente os estados que mais produziram trabalhos: MG > PE > RS > SC, ES > SP > PA, CE, DF > MT, RN > PB, BA > SE, PR, TO, AM e GO. Este gráfico possui relação com as instituições autoras dos resumos, mas também serviu como indicação para buscar a relação das parcerias e entender como o tema de mulheres e gênero foi surgente nos congressos, uma vez que este assunto já tinha se colocado na agenda, como pauta de muitos movimentos sociais do campo, na década de 1980.

A pesquisadora Emma Siliprandi (2009) conseguiu remontar a construção do tema de gênero através das entidades, movimentos e espaços que debatem e estudam a agroecologia, e aponta em sua investigação que desde 1998 há existência de uma articulação de mulheres através da rede PTA do Sudeste⁶ e que, através do

⁶ Emma Siliprandi (2009) faz referência à tese de Nilsa Luzzi e relembra que o “debate agroecológico inicialmente se restringiu a um pequeno grupo de profissionais, principalmente das ciências agrárias, e se concentrou na crítica ao padrão tecnológico moderno e na busca de tecnologias sustentáveis. As

acúmulo de debates e os compromissos assumidos pelas entidades com a construção da agroecologia, o tema se fortalece durante o I ENA⁷ (Encontro Nacional de Agroecologia) e se formaliza, através da ANA⁸ (Articulação Nacional de Agroecologia), um Grupo de Trabalho (GT) permanente para tratar destas questões. O surgimento deste GT reflete e inicia, no contexto das articulações com as entidades e outros atores, os trabalhos e o fomento da visibilidade da mulher também na ABA e nos CBAs. Siliprandi (2009) ainda aponta que presença do tema de gênero no Núcleo Executivo da rede (ANA) é uma condição importante para a politização da discussão e que influencia o debate no conjunto da rede.

Os arranjos iniciados pela própria criação do GT de Mulheres da ANA e a incorporação do tema por parte dos CBAs faz com que algumas instituições presentes na rede assumam compromissos com esta pauta de forma local e regional, seja na forma de publicações técnico-científicas ou no fomento de ações e projetos voltados para a realidade da mulher.

A existência de estudos e pesquisas, realizadas por ONGs (Organizações Não Governamentais), Instituições de Ensino Superior (IES) e movimentos sociais na agroecologia do Brasil, nos mostra como a influência do tema 'gênero' e 'mulheres' foi significativa através de algumas parcerias institucionais nas autorias dos resumos expandidos em alguns estados brasileiros, como no caso de Minas Gerais, com a presença do Centro de Tecnologias Alternativas-Zona da Mata/MG (CTA-ZM), que apresentou sete dos onze trabalhos levantados neste estado. O estudo de Nilza Luzzi (2007), em sua tese sobre o debate agroecológico no Brasil, mostra como a Rede PTA/FASE agregou diversas instituições para promover as práticas e tecnologias, através de dinâmicas de trocas e socialização de informações, importantes para a construção de uma proposta alternativa de produção. Foi neste momento que o

primeiras lutas políticas dos partidários das agriculturas alternativas foram pela regulamentação (e conseqüente diminuição do uso) dos agrotóxicos. No final dos anos 1980, o que, no início, eram apenas experiências isoladas, veio a formar um conjunto articulado, simbolizado pela criação da Rede de Tecnologias Alternativas-Rede PTA" (LUZZI, 2007, apud SILIPRANDI, 2009, p.145)

⁷ O ENA ocorre pela primeira vez em 2002 e é resultado de uma série de articulações e demandas por parte dos diversos atores que estavam construindo o debate da agroecologia. Segundo Luzzi, este evento é considerado um grande marco, pois conseguiu reunir diferentes movimentos sociais rurais e organizações de trabalhadores para discutir a temática da agroecologia e, principalmente, colocou no centro do debate os agricultores e suas experiências concretas de promoção da agroecologia. O ENA permitiu que estas experiências se tornassem conhecidas e ganhassem visibilidade, tanto junto ao grande público, como, principalmente, entre os próprios agricultores, que até então se encontravam praticamente isolados uns dos outros. (LUZZI, 2007, p.163)

⁸ Disponível em: <http://www.agroecologia.org.br/index.php/sobre-a-ana>. Acesso em: 16 Abr. 2015

CTA/ZM foi criado e, inicialmente, vinculado ao movimento sindical rural, na promoção de práticas agrícolas sustentáveis e na discussão de políticas de apoio à agricultura familiar, Siliprandi (2009) coloca que esta entidade, em conjunto com outras que trabalhavam no âmbito da Rede PTA (Projetos de Tecnologias Alternativas) na região sudeste, no final da década de 1990, após pressões de lideranças femininas do movimento sindical, e também de uma entidade financiadora, passou a incluir, em todos os seus programas de trabalho, ações que promovessem uma maior participação das mulheres (SILIPRANDI, 2009)

Constata-se que foi através do Programa de Conservação da Mata Atlântica na Serra do Brigadeiro e do Programa de Formação de Monitores/as (PFM)⁹ que as relações de gênero passaram a ser pensadas e trabalhadas em todos os projetos realizados. Vale ressaltar que esta entidade possui representantes no GT de Mulheres da ANA, além de apresentar um número maior de mulheres nas autorias das pesquisas. Notou-se, através da leitura dos resumos publicados por esta entidade, a preocupação em problematizar a realidade das mulheres agricultoras. Para este caso, onde encontrou-se uma constante de publicações baseadas em experiências e relatos de casos protagonizados por mulheres, podemos reproduzir a leitura de Picchio (2012), no que diz respeito à pesquisa das mulheres e/ou à pesquisa sobre as mulheres. A autora diferencia a análise feminista e a análise de gênero em uma capacidade diferente de introduzir novas abordagens e propor novos interrogantes, afirmando que a prática em valorizar as experiências das mulheres, como sujeitos de transformação, são tomadas como base para desvendar alguns aspectos fundamentais do sistema econômico, frequentemente ocultos ou marginalizados.

O GT de Mulheres da ANA, formado por representantes de diversas entidades, propõe estratégias para a inclusão de mulheres em diversos espaços de debates e decisórios no cenário político da agroecologia. Emma Siliprandi (2009) ainda faz referência das decisões tomadas pelo grupo em buscar a contratação de técnicas mulheres para os quadros profissionais das entidades, além de estabelecer cotas de participação para mulheres em todos os eventos de formação propostos pelas mesmas. Estas decisões foram acompanhadas de ações para o fortalecimento de grupos e associações de mulheres, promovendo iniciativas para aumentar a

⁹ Disponível em: <http://www.ctazm.org.br/area/historico>. Acesso em 28 Abr.2015

autonomia econômica e visibilidade dos trabalhos femininos do campo. Ações estratégicas como esta também repercutiram nas publicações das instituições de ensino superior, como é o caso do estado de Pernambuco, que segue, através da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como o segundo lugar que mais possui publicações. Após analisar a autoria das publicações, notou-se que as publicações partem de um grupo interno na Universidade intitulado de Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido-NEPPAS da UFRPE/UAST (Unidade Acadêmica de Serra Talhada), o grupo é descrito da seguinte maneira: criado em 2010, na Unidade Acadêmica de Serra Talhada, o Núcleo busca a partir do enfoque multi e interdisciplinar, da metodologia participante de pesquisa ação e da troca de saberes entre a Universidade e a comunidade. O NEPPAS realiza diversas atividades e eventos como seminários, espaços de discussão e sistematização de experiências, discussão sobre temáticas de gênero, sexualidade, políticas públicas, fortalecimento político e cultural, artesanato e reaproveitamento de alimentos. Além de realizar intercâmbios entre agricultores/as, entre outros (SILVA *et al*, 2013).

Desta forma, ressalta-se a importância da introdução de novos métodos, em dialogar a ciência com a perspectiva do tema, é uma maneira de incentivar e visibilizar os trabalhos realizados por mulheres e das mulheres.

É necessário salientar que, na década dos anos 2000, permeando o movimento de construção das diversas representações da agroecologia no Brasil, assim como a maior parte dos países que buscaram institucionalizar políticas públicas de igualdade de gênero, o Brasil, através de demandas historicamente apresentadas pelos diversos segmentos feministas, cria um organismo centralizado com atribuição de coordenar as políticas dos diferentes ministérios e garantir a transversalidade do tema, a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres (SPM). Neste organismo, a orientação adotada foi a de criar condições de articulação e implementação de políticas setoriais e, a partir de um processo de mobilização de diferentes segmentos rurais e movimentos de mulheres, estabeleceu-se um desenho institucional e fez-se a integração, no Ministério de Desenvolvimento Agrário, a Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais e Quilombolas.

Com o objetivo de fortalecer a participação da trabalhadora rural na economia e garantir o acesso a direitos e promoção da cidadania, Andrea Butto (2011) descreve a participação da diretoria nos principais programas do Ministério do

Desenvolvimento Agrário e a ampliação do orçamento destinados às políticas para as mulheres rurais, no Plano Plurianual (PPA) 2004-2007 e seu incremento no PPA seguinte, que foi distribuída em dois programas governamentais: Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) e no Programa Cidadania e Efetivação de Direitos das Mulheres, por meio da ação Organização Produtiva de Mulheres Rurais e da Documentação da Trabalhadora Rural.

Um fator que pode ter incentivado não apenas a academia, mas outras instituições nos estudos e pesquisas da área rural com o tema 'mulher', foi a constituição de um grupo de pesquisadoras de diversas instituições de ensino para subsidiar a formulação e avaliação das políticas públicas do Ministério do Desenvolvimento Agrário, promovendo o Prêmio Margarida Alves de Estudos Rurais e Gênero¹⁰ com o objetivo de estimular a produção de pesquisas e estudos na valorização de experiências das mulheres trabalhadoras.

Ainda interpretando a análise das instituições que mais publicaram trabalhos, as organizações governamentais, como por exemplo, as instituições de assistência técnica e extensão rural, e as instituições com a função de pesquisas e transferência de tecnologias, como no caso da EMBRAPA, incorporaram os aportes financeiros do governo federal em projetos voltados para a igualdade de gênero, juntamente com a afirmação de organizações e movimentos de mulheres presentes no Comitê de ATER e a criação da Rede Ater para Mulheres para garantir as atividades econômicas da mulher rural. Podemos citar as publicações da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) do estado do Rio Grande do Sul e do INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural) no estado do Espírito Santo que tiveram um número significativo de resumos apresentados durante os CBAs. Seguindo em ordem decrescente, as Organizações Não-Governamentais também possuem expressiva participação em autorias nos trabalhos publicados. Isso pode ser entendido pela presença de redes e movimentos na construção da agroecologia de forma localizada nas diferentes regiões do país, e

¹⁰ A iniciativa é uma homenagem a Margarida Maria Alves (1943-1983), uma dirigente sindical que, após 12 anos no Sindicato Rural de Alagoa Grande (PB) rompeu com padrões tradicionais de gênero, fundou o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural, lutou contra o analfabetismo e a exploração, defendeu a reforma agrária e acabou sendo assassinada. Está na sua 4ª edição e o prêmio procura visibilizar o desenvolvimento de pesquisas e estudos, além de promover o pensamento crítico e prático, sobre a igualdade entre mulheres e homens no meio rural, dando enfoque à agroecologia. O prêmio está organizado em três categorias distintas: Ensaio Inédito, Relato de Experiências e Memórias.

principalmente pela expressiva atuação do GT de Mulheres da ANA influenciando a perspectiva de valorização e visibilidade dos trabalhos das mulheres rurais.

CONCLUSÃO

A notável baixa publicação de trabalhos técnicos-científicos sobre gênero e mulheres nos CBAs não é uma condição à área do conhecimento da agroecologia, mas um reflexo da perspectiva da ciência e tecnologia em aplicações sexistas e androcêntricas no contexto da sociedade e visão de mundo.

Apesar de ser crescente o tema de gênero e mulheres em diversas áreas do conhecimento, a perspectiva feminista de assimilar que gênero é entendido como um princípio organizador da sociedade patriarcal, na qual as relações sociais são estruturadas por diferenças hierárquicas entre homens e mulheres, ainda é tímida quando comparamos os diversos resumos expandidos publicados durante os doze anos de CBA.

Pode-se afirmar que o emprego de algumas metodologias, por exemplo os questionários ou entrevistas estruturadas comumente utilizadas na área das ciências agrárias, não reconhece ou não permite visualizar as atividades que mulheres estão envolvidas, como os trabalhos considerados não econômicos ou aqueles voltados aos cuidados.

Nossas pesquisas buscam respostas ondem supostamente podemos encontrá-las e quando não as temos, sempre haverá fontes seguras para afirmar sua ausência. A condução do modus operandi de se fazer pesquisa, exclui ou anula qualquer possibilidade de entender as relações de desigualdades colocadas em um determinado espaço e tempo: muitas vezes, por não participar dos processos de decisões da produção ou organização, as mulheres não detêm informações de cadeias produtivas ou dos manejos agrícolas empregados da unidade de produção. A ignorância de informações e observações práticas da realidade da mulher limita, especialmente no campo da agroecologia, percepções do potencial da agricultura familiar em transitar para um modelo agrícola mais ecológico¹¹ e o entendimento das estratégias que as agricultoras desenvolvem de permanência na terra, neste caso,

¹¹ Emma Siliprandi (2009, p. 238) afirma, através de relatos, que as mulheres por se preocuparem mais com a alimentação e saúde da família são mais sensíveis para se trabalhar a “consciência ambiental”.

atrelando as responsabilidades simbólicas de cuidados e manutenção da família à mulher.

Ao observarmos os resultados que indicam a tipologia das instituições que mais publicam durante os CBAS com o tema proposto, as Instituições de Ensino Superior ganham o desafio de incorporar cada vez mais a realidade das mulheres em suas variadas metodologias de pesquisas, como é caso do NEPPAS-UFPE. Suas publicações mostram, prioritariamente, metodologias de pesquisa que superam as desigualdades sexuais. Somando a este desafio, as instituições de ATER além de atenderem ao Plano Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural-PNATER, que indica a participação efetiva de 50% de mulheres atendidas por esta política, devem trabalhar no sentido de protagonizar as agricultoras para garantir mais espaços de participação em associações e cooperativas, ou outros espaços de decisão. Às mulheres cabe a possibilidade de escolhas e de apropriação das diversas atividades que caracterizam os espaços rurais e não reproduzindo e afirmando as forças simbólicas que permeiam a divisão sexual do trabalho. Um exemplo, os estudos de casos e experiências com mulheres, estritamente, confeccionando produtos artesanais ou diversificando seus quintais, como mostrou a leitura de alguns resumos expandidos.

Entende-se que as perspectivas de gênero, quando colocadas nas agendas governamentais, ganham espaços e se refletem nas ações e no amadurecimento das políticas públicas voltadas à mulher rural. Exemplo disso, são as diversas instituições que se apresentaram nos CBAS e que aportam recursos financeiros públicos para sua gestão.

Vale destacar que durante a trajetória dos CBAs, o tema vem conquistando espaços cada vez maiores: desde a criação de um GT Gênero na ABA até eixos temáticos, mesas e painéis. A forma como este assunto surge nos congressos, paralelamente aos trabalhos e ações estratégicas do GT gênero da ANA, é destacada pela atuação e o comprometimento de algumas entidades e mulheres com o objetivo de assegurar as demandas das mulheres rurais para combater a exclusão e a desigualdade no campo. Esta contribuição reforça a existência dos trabalhos que retratam as experiências e estudos de casos das mais variadas regiões do Brasil, mais significativamente os trabalhos que envolvem o reconhecimento estratégico das atividades da mulher na construção da agroecologia e como sua reorganização

produtiva diante das desigualdades protagoniza o seu empoderamento e reflexão coletiva, como é o caso das publicações do CTA-Zona da Mata/MG.

Podemos afirmar que as ações coletivas e pensadas, das organizações de mulheres engajadas nos espaços de debate e construção da agroecologia, cumprem a função de dar visibilidade ao tema. Neste sentido, a ação em rede que as Organizações Não Governamentais propõem, são relevantes e importantes para promover a agroecologia nos diversos arranjos institucionais e alavancar propostas que correspondam com a realidade vivenciada no campo. Quando se observa o contexto rural sob as “lentes de gênero”, outros questionamentos e elementos surgem para contribuir em pesquisas, ações e políticas públicas que dialoguem, acima de tudo, com a vida das mulheres e o bem-estar das relações humanas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. V.; SILIPRANDI, E.; PACHECO, M. E. *Mulheres no Congresso Brasileiro de Agroecologia. Agriculturas*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p.46-48, 2009.
- ARENCIABIA JORGE, R.; ARAUJO RUIZ, J. *La producción científica cubana en la bibliografía española de ciencia y tecnología 1995-2001*. Revista Española de Documentación Científica, Madrid, v. 27, n. 4, p. 469-481, 2004.
- AVENTURIER, P.; OLLIVIER, G.; ALENCAR, M. de C. F.; BELLON, S. *Estudo cientométrico dos Congressos Brasileiros de Agroecologia*. In: BRANDENBURG, A. *Agroecologia na França e no Brasil: entre redes científicas, movimentos sociais e políticas públicas*. [s. n] 2014. 27p.
- BRAGA, G.M. *Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price*. Ci Inf., v.3, n.2, p.155-177, 1974.
- BUTTO, A. *Políticas para as mulheres rurais: Autonomia e Cidadania*. In: BUTTO, A; DANTAS, I. (Org). *Autonomia e Cidadania: Políticas de Organização produtiva para as mulheres no meio rural*. 1ª ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011, p. 11-36.
- DE BIASE, L.; SILVA JÚNIOR, R. D. *Inclusão do protagonismo feminino na agroecologia: um olhar para as diferenças e complementaridades de gênero*. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1
- CASTILHO E SILVA, C. B. de; SCHNEIDER, S. *Gênero, trabalho rural e pluriatividade*. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M.; (Orgs). *Gênero e Geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010, p.185-210.
- DIAS, M. *Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças*. Estudos Feministas. Vol.2 (2), 1994.
- DAL SOGLIO, Fabio K. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 3, n. 3, Dez. 2008. Disponível em: <http://www.abaagroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/7569/5456>>. Acesso em: 08 Dez. 2015.

- FARIA, N. *Gênero e trabalho rural 1993/2006*. In DI SABBATO, A. et al. *Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres*. Brasília: MDA/NEAD, 2009, p.31-121.
- FARIA, N.; NOBRE, M. *A produção do viver*. São Paulo: SOF, 2003, 104p.
- FLAX, J. *Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista*. In Hollanda, H. (org.) *Pós-Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992
- FURNO, J.C.; GOMES, B.P. *Revista Em Tese*, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan-jul, 2015.
- HARDING, S. (ed.) *Feminism & methodology*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press e Open University Press, 1987.
- HARDING, S. *Gênero, democracia e filosofia da ciência*. In RECIIS – R. Eletr. De Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.163-168, jan-jun, 2007.
- HEREDIA, Beatriz; GARCIA, Maria France; GARCIA JR., Afrânio. *O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas*. In: AGUIAR, Neuma (Coord.). *Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- HIRATA, Helena. *Vida reprodutiva e produção: família e empresa no Japão*. In. *O sexo do Trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- KERGOAT, Danièle. *Em defesa de uma sociologia das relações sociais*. In. *O sexo do Trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- LOURO, G. *Mulheres nas salas de aulas*. In Priore, M. (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998, 179p.
- LUZZI, N. *O debate agroecológico no Brasil: uma construção a partir de diferentes atores sociais*. 182p. 2007. Tese (doutorado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rio de Janeiro, 2007.
- PACHECO, Maria Emília Lisboa. *Sistema de produção: uma perspectiva de gênero*. In: *Revista Proposta*. ano 25, n. 71. Rio de Janeiro: Fase, 1997.
- NOBRE, M.; MIGUEL, M. M.; MORENO, R.; DE FREITAS, T. V. *Economia feminista e soberania alimentar: avanços e desafios*. São Paulo: SOF, 2014, 62p.
- PICCHIO, A. *A economia política e a pesquisa sobre as condições de vida*. In FARIA, N.; MORENO, R. (Orgs). *Análises Feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia*. São Paulo: SOF, 2012, p.13-28.

- PULEO,A. *Luces y sombras de la teoria y la praxis ecofeministas*. In: CAVANA,M.L; PULEO,A.; SEGURA,C.(Coords). *Mujeres y Ecología, historia, pensamiento, sociedade*. Madrid: Al Mudayna, 2004, p.21-34
- SCOTT, J. *Deconstructing equality-versus-difference: or, the uses of poststructuralist theory for feminism*. *Feminist Studies*. 14 (1), Primavera 1988.
- SALVARO, G.I.J; LAGO, M.C.S; CHEIBE, C. “Mulheres Agricultoras” e “Mulheres Camponesas”: Lutas de Gênero, Identidades Políticas e. *Revista Psicologia & Sociedade*; v. 25, n.1, p.79-89, 2013
- SANCHO, R. *Indicadores bibliométricos utilizados en la evaluación de la ciencia y la tecnología*. *Revista Española de Documentación Científica*, v. 13, n. 3/4, p. 842-865, 1990.
- SILIPRANDI, E.C. *Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar*. 2009. 291p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- SORJ, B. *O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade*. In Costa, A. e Bruschini, C. (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro e São Paulo: Rosa dos Ventos e Fundação Carlos Chagas, 1992.
- SPINAK, E. *Diccionario enciclopedico de bibliometría, cienciometria e informetria*. Montevideo, 1996. 245 p.

TABELAS, FIGURAS E GRAFICOS

Tabela 1 –CBAs, tema principal, publicação, Títulos das Sessões, Eventos Paralelos, nº de trabalhos apresentados e nº de participantes

| CBAs | EVENTOS PARALELOS | Nº docs. | Nº part. |
|---|--|-----------------|-----------------|
| I CBA Porto Alegre, 2003 «Conquistando a soberania alimentar» CADERNOS DE AGROECOLOGIA, v. 1., n. 1, 2006 SOCIEDADE E NATUREZA – DESENVOLVIMENTO RURAL – USO E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS – MANEJO E AGROECOSSISTEMAS SUSTENTÁVEIS | IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE AGROECOLOGIA V SEMINÁRIO ESTADUAL SOBRE AGROECOLOGIA | 386 | 3366 |
| II CBA Porto Alegre, 2004 «Agrobiodiversidade: base para sociedades sustentáveis» CADERNOS DE AGROECOLOGIA, v. 2, n. 1, 2007 MANEJO DE AGROECOSSISTEMAS SUSTENTAVEIS – USO E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS – DESENVOLVIMENTO RURAL – SOCIEDADE E NATUREZA | V SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE AGROECOLOGIA VI SEMINÁRIO ESTADUAL SOBRE AGROECOLOGIA | 440 | 3021 |
| III CBA Florianópolis, 2005 «A sociedade construindo conhecimentos para a vida» MANEJO DE AGROECOSSISTEMAS – SOCIEDADE E NATUREZA – USO E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS – DESENVOLVIMENTO RURAL – DIVERSOS | III SEMINÁRIO ESTADUAL DE AGROECOLOGIA | 545 | 2500 |
| IV CBA Belo Horizonte, 2006 «Construindo horizontes sustentáveis» MANEJO DE AGROECOSSISTEMAS SUSTENTAVEIS – SOCIEDADE E NATUREZA – DESENVOLVIMENTO RURAL – USO E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS | | 430 | 1340 |
| V CBA , Guarapari, 2007 «Agroecologia e territórios sustentáveis» CADERNOS DE AGROECOLOGIA, v. 2, n. 2, 2007 DESENVOLVIMENTO RURAL – SOCIEDADE E NATUREZA – MANEJO DE AGROECOSSISTEMAS SUSTENTAVEIS – USO E CONSERVAÇÃO DE RECURSOS NATURAIS – OUTRAS TEMATICAS | | 421 | 1505 |
| VI CBA Curitiba, 2009 «Agricultura familiar e camponesa: experiências passadas e presentes construindo um futuro sustentável» CADERNOS DE AGROECOLOGIA, v. 4, n. 1, 2009 AGROECOSSISTEMAS/ PRODUÇÃO VEGETAL - AGROECOSSISTEMAS/ MANEJO SOLO E AGUA - AGROECOSSISTEMAS/PRODUÇÃO ANIMAL - AGROECOSSISTEMAS/TRANSIÇÃO - DESENVOLVIMENTO RURAL/SOCIOCULTURAL - DESENVIMENTO RURAL/ECONOMIA - DESENVIMENTO RURAL/POLITICAS PUBLICAS - MEIO AMBIENTE - CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO - EXPERIENCIAS EM AGROECOLOGIA | II CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE AGROECOLOGIA I ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE ESTUDANTES DE AGROECOLOGIA (I ENGA) III SEMINÁRIO DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO (III SNCCA) | 1093 | 3800 |
| VII CBA Fortaleza, 2011 «Ética na Ciência: Agroecologia como paradigma para o desenvolvimento rural» CADERNOS DE AGROECOLOGIA, v. 6, n. 2, 2011 CONHECIMENTO, TECNOLOGIAS SUSTENTAVEIS E POLITICAS PUBLICAS - SOCIEDADE , SAUDE E SOBERANIA ALIMENTAR - INSTRUMENTO DE JUSTIÇA AMBIENTAL E SOCIAL NO CAMPO – AGROECOLOGIA E BIOMAS BRASILEIROS – MULHERES E AGROECOLOGIA – SABERES TRADICIONAIS – JUVENTUDE – EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM AGROECOLOGIA – ECONOMIA SOLIDARIA | | 1024 | 3600 |
| VIII CBA Porto Alegre, 2013 «Cuidando da saúde do planeta» CADERNOS DE AGROECOLOGIA, v. 8, n. 2, 2013 RELATOS DE EXPERIENCIAS - MANEJO DE AGROECOSSISTEMAS SUSTENTAVEIS/PRODUÇÃO VEGETAL - MANEJO DE AGROECOSSISTEMAS SUSTENTAVEIS/PRODUÇÃO ANIMAL - MANEJO DE AGROECOSSISTEMAS SUSTENTAVEIS/MANEJO DE SOLO E AGUA - MANEJO DE AGROECOSSISTEMAS SUSTENTAVEIS/TRANSIÇÃO AGROECOLOGICA - DESENVOLVIMENTO RURAL/ECONOMIA RURAL, SOCIOECONOMIA E POLÍTICAS PÚBLICAS - DESENVOLVIMENTO RURAL/SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA, MEDIDAS SOCIOTECNICAS E CONFIGURAÇÕES SOCIOCULTURAIS - DESENVOLVIMENTO RURAL/DINÂMICAS SOCIOAMBIENTAIS E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO - DESENVOLVIMENTO RURAL/EDUCAÇÃO - DESENVOLVIMENTO RURAL/SAÚDE E SOBERANIA ALIMENTAR - AMBIENTE E ECOSSISTEMAS NATURAIS | V ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS DE AGROECOLOGIA (ENGA) X III SEMINÁRIO ESTADUAL X II SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE AGROECOLOGIA V ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE AGROECOLOGIA | 876 | 3000 |

Fonte: ALENCAR, M. de C. F., 2014.

Tabela 2 – Número de Trabalhos Produzidos por Edição do CBA

| Produções por Edição | |
|----------------------|--------------------|
| Edição do CBA | Resumos produzidos |
| I | 3 |
| II | 8 |
| III | 7 |
| V | 5 |
| VI | 14 |
| VII | 17 |
| VIII | 21 |
| Total | 75 |

Fonte: Iyusuka, S. S., 2015.

Tabela 3 – Publicações por Instituição

| Produção por Instituição | |
|---|--------------------|
| Nome da Instituição | Resumos Publicados |
| Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Assistência Rural INCAPER | 6 |
| EMATER - RS - ASCAR | 6 |
| Universidade Federal do Ceará | 4 |
| Universidade Federal Rural de Pernambuco | 4 |
| Universidade do Estado de Mato Grosso -UNEMAT | 3 |
| Universidade Federal de Viçosa - UFV | 3 |
| Embrapa | 3 |
| CCA-UFSC | 2 |
| Grupo de Trabalho de Mulheres da ANA | 2 |
| Universidade do Estado de Santa Catarina | 2 |
| Universidade Federal Rural do Semi-Árido | 2 |
| Action Aid Brasil | 1 |
| Centro de Estudos Ambientais (CEA) | 1 |
| Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM) | 1 |
| CNPq | 1 |
| Colegio de Posgraduados | 1 |
| CTA-ZM e UNIA-UCO | 1 |
| Empresa Madepar Ind. e Com. de Madeiras Ltda. | 1 |
| Escola Latino-Americana de Agroecologia do MST | 1 |
| Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional; FASE | 1 |
| FFLCH/USP | 1 |
| Governo Federal | 1 |
| Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará | 1 |
| MDA e FAO | 1 |
| MDA e SDT | 1 |
| Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) | 1 |
| Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra | 1 |
| NATURATINS | 1 |
| Núcleo Erexim do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor CAPA | 1 |
| UFLA | 1 |
| UFPA | 1 |
| UNESP | 1 |
| Universidad Nacional de Colômbia | 1 |
| Universidade de Antioquia/Colômbia | 1 |
| Universidade de Brasília | 1 |
| Universidade de Holguin | 1 |
| Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC | 1 |
| Universidade do Estado do Rio Grande do Norte | 1 |
| Universidade Estadual da Paraíba | 1 |
| Universidade Federal de Campina Grande | 1 |
| Universidade Federal de Goiás-Campus Jataí | 1 |
| Universidade Federal de Pernambuco | 1 |
| Universidade Federal de São Carlos | 1 |
| Universidade Federal do Pará | 1 |
| Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB | 1 |
| Universidade Federal de Viçosa - UFV; Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Gênero (NIEG/UFV) | 1 |
| Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri | 1 |
| UNESP | 1 |
| Autônomo | 1 |
| Total | 75 |

Fonte: Iyusuka, S.S., 2015.

Tabela 3.1 - Número de Artigos produzidos por tipo de instituição

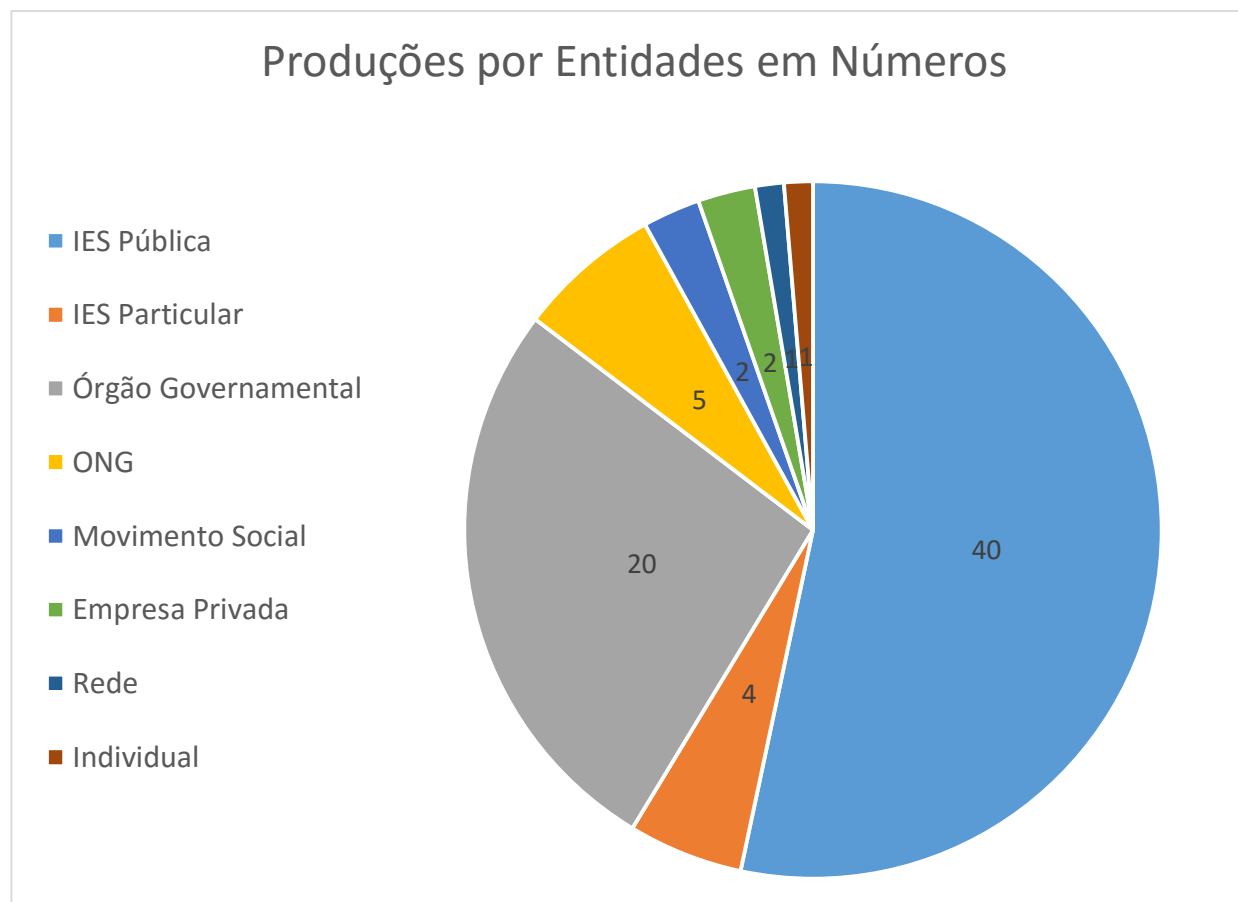
| Tipo de Instituição por Número de Produções | |
|--|---------------------------|
| Tipo de Instituição | Total de Produções |
| Universidade | 42 |
| Órgão Governamental | 20 |
| Organização Não-Governamental | 6 |
| Movimento social | 2 |
| Individual | 1 |
| Grupo de Trabalho de Mulheres da ANA | 2 |
| Empresa Privada | 2 |
| Total | 75 |

Fonte: Iyusuka, S. S., 2015.

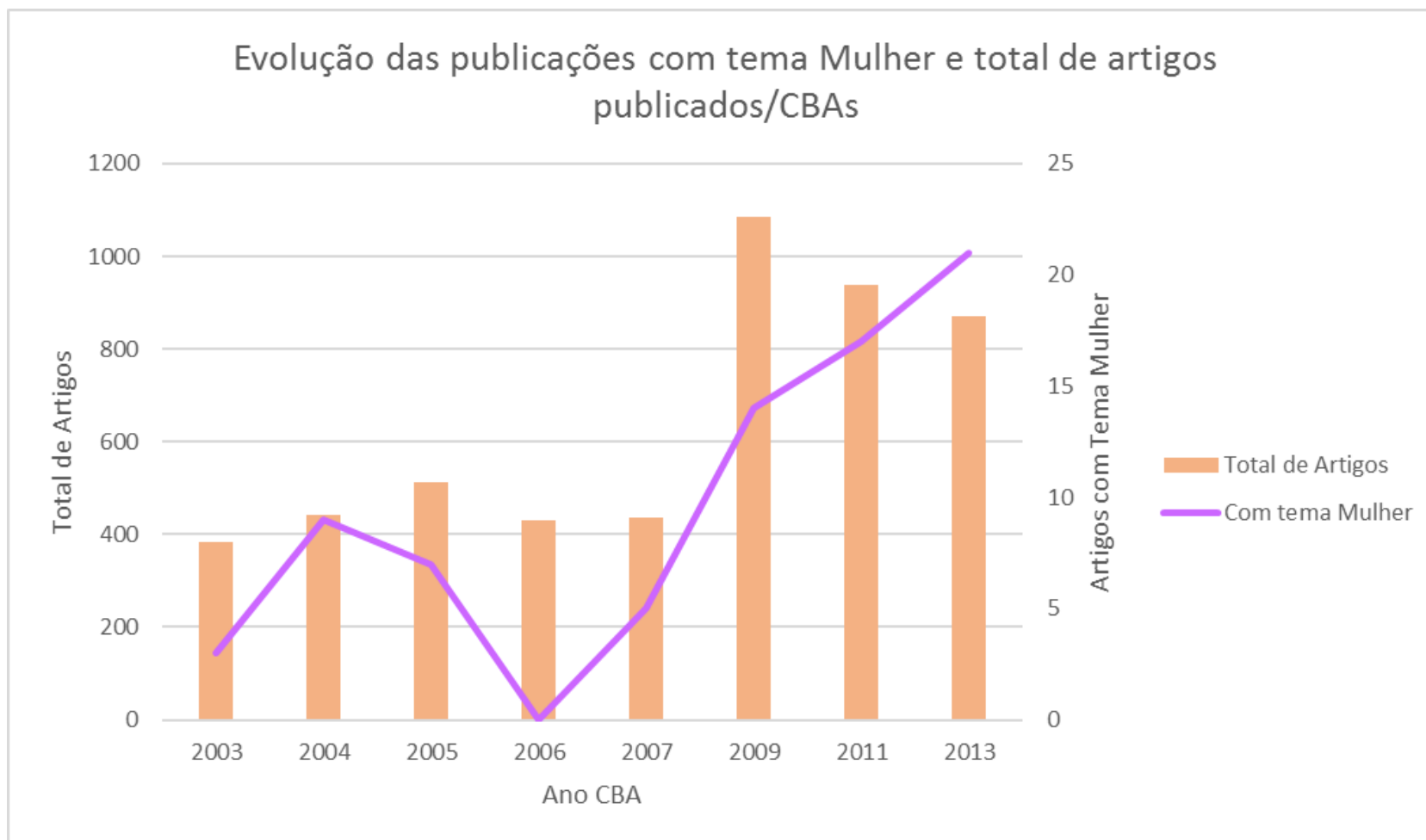
Tabela 3.2 – Número de Participantes por instituição

| Tipo de Instituição x Participação na Produção | |
|---|--------------------------------|
| Tipo de Instituição | Número de Participantes |
| Universidades | 140 |
| Órgãos Governamentais | 44 |
| ONG | 41 |
| Movimento Social | 5 |
| Grupo de Trabalho Mulheres / ANA | 3 |
| Empresa Privada | 2 |
| Individual | 2 |
| Total de participantes nas obras | 237 |

Fonte: Iyusuka, S. S., 2015.

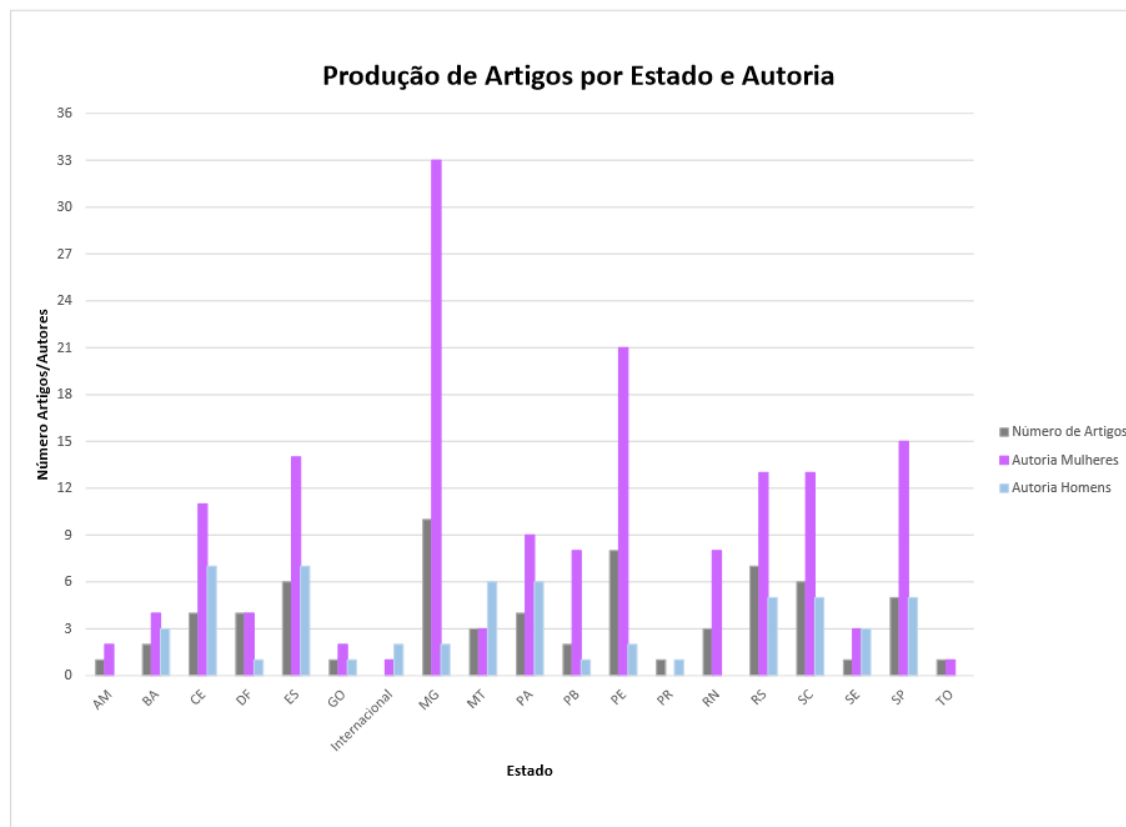
Figura 1 – Produções por tipo de instituição

Fonte: Iyusuka, S.S., 2015

Gráfico 2 – Evolução das Publicações com tema Mulher e total de artigos publicados/CBAs

Fonte: Iyusuka, S.S., 2015

Gráfico 3 – Produção de Artigos por Estado e Autoria



Fonte: Iyusuka, S.S., 2015

Capítulo 3

Artigo 2

As abordagens das mulheres na agroecologia

As abordagens das mulheres na agroecologia

Autora: Sheyla Saori Iyusuka

Orientadora: Maria de Cleofas Faggion Alencar

RESUMO

A bibliografia disponível sobre a situação da mulher rural revela a marginalização do trabalho feminino, colocada na esfera do domicílio, no cuidado da casa, dos filhos, da horta e na "ajuda" prestada ao marido. O uso do termo divisão sexual do trabalho neste artigo possibilita entender a subestimação das atividades realizadas pelas mulheres na família, contribuindo para a percepção da invisibilidade do trabalho feminino, condição que se agrava no espaço rural. Para traduzir esta situação das mulheres limitada à esfera doméstica é necessário entender os diferentes papéis sociais de acordo com o sexo dos indivíduos e as relações de poder. A partir de documentos, relatos e pesquisas percebe-se que há, primeiramente por parte dos movimentos sociais, uma agenda construída para debater os problemas do campo, incluindo a mulher como protagonista. Nota-se que no ano de 2000, ocorreu a 1ª Marcha das Margaridas e foi com a articulação de organizações sindicais, movimentos feministas e mulheres que revelou uma grande capacidade de mobilização e organização das mulheres. Após este período ocorre o IENA, com o objetivo de dar visibilidade à agroecologia, e se inicia a discussão sobre as mulheres rurais: montou-se um grupo para tratar deste tema e garantir a transversalidade em outros grupos que participariam do encontro. Neste mesmo período ocorre o I Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) e também é influenciado com o tema de mulheres e gênero a partir de ações estratégicas do GT de mulheres formado no ENA. Os Congressos Brasileiros de Agroecologia têm mantido o tema sobre mulheres e gênero de maneira crescente em suas edições e desta forma, o objetivo deste artigo é buscar desvendar como a agroecologia tem abordado as questões de gênero e mulher, através dos doze anos de CBAs, e para isso é necessário entender como a mulher vem se inserindo no espaço rural através das sistematizações das autorias que publicaram resumos com o respectivo tema.

Palavras-chaves: divisão sexual do trabalho, mulheres, congressos brasileiros de agroecologia

ABSTRACT

The bibliography available on the situation of rural women reveals the marginalization of female labor, placed in the sphere of domicile, in the care of the house, the children, of garden and in "help" given to her husband. The use of the term sexual division of labor in this article allows to understand the underestimation of the activities performed by women in the family, contributing to the perception of invisibility of female labor, condition which is getting worse in rural areas. To translate this situation of women limited to domestic sphere is necessary to understand the different social roles according to gender and the relations of power. From documents, reports and surveys we perceive that, at first on the part of social movements, a built-in agenda to discuss the problems of the rural environment, including the woman as the protagonist. Note that in the year 2000, occurred the 1° Marcha das Margaridas and with the articulation of trade union organizations, feminist movements and women has revealed a great capacity for mobilization and organization of them. After this period occurs the IENA, with the objective to give visibility to agroecology, and started the discussion on rural women: built a group to deal with this issue and ensure the transversality in other groups that would participate in the meeting. In this same period occurs the I Brazilian Congress of Agroecology (CBA), also influenced with the theme of women and gender from strategic actions of the Working Group of women formed in ENA. The Brazilian Congresses of Agroecology have maintained the theme on women and gender as an increasing theme due the editions, and in this way the objective of this article is to unveil how the agroecology has addressed the issues of gender and women through the twelve years of assemblies, and for this it is necessary to understand how the woman is entering in rural environment through the authorship systematizes this theme.

Key Words: sexual division of labor, women; brazilian congress of agroecology.

INTRODUÇÃO

A bibliografia disponível, como Nobre (2012); Siliprandi (2007,2009); Aguiar & Jalil (2013); Santos & Jalil (2013) e Moreira *et al* (2009), sobre a situação da mulher rural revela a marginalização do trabalho feminino, colocada na esfera do domicílio, no cuidado da casa, dos filhos, da horta e na "ajuda" prestada ao marido.

O objetivo deste artigo é buscar desvendar como a agroecologia tem abordado as questões de gênero e mulher, através dos congressos brasileiros de agroecologia (CBAs)¹, e para isso é necessário entender como a mulher vem se inserindo no espaço rural e nos espaços organizados da agroecologia.

No Brasil, na década de 70, a mulher começa a aparecer como protagonista social e política através de reivindicações sindicais e questionamentos sobre a divisão sexual do trabalho. Na década de 80, através de movimentos feministas, as mulheres começam a se tornar sujeitos de estudos e pesquisas. Portanto, o uso do termo divisão sexual do trabalho neste artigo possibilita entender a subestimação das atividades realizadas pelas mulheres na família, contribuindo para a percepção da invisibilidade do trabalho feminino, condição que se agrava no espaço rural. Para traduzir esta situação das mulheres limitada à esfera doméstica é necessário entender os diferentes papéis sociais de acordo com o sexo dos indivíduos e as relações de poder.

Miriam Nobre (2012) descreve a situação de maneira objetiva para esclarecer o valor simbólico desta relação no espaço rural: A divisão sexual do trabalho, segundo Danièle Kergoat (2009), tem dois princípios organizadores: o princípio da separação (o trabalho do homem é distinto do trabalho da mulher) e o princípio da hierarquia (o trabalho do homem "vale" mais do que o trabalho da mulher). O trabalho dos homens é associado ao produtivo (agricultura e pecuária para o mercado) e o trabalho das mulheres ao reprodutivo (quintal e consumo familiar). A divisão sexual do trabalho é o que está em jogo nas relações sociais de gênero que recobrem representações e práticas que variam ao longo da história, mas permanecem duais. Por exemplo, a associação dos homens e do masculino à cultura e das mulheres e do feminino à natureza. O trabalho dos homens é associado ao uso

¹ Segundo Luzzi (2004), os Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBAs) são realizados desde 2003 e são promovidos por instituições de ensino, pesquisa e extensão rural (públicas e privadas). Os CBAs são derivados dos Seminários Estaduais de Agroecologia realizados pela EMATER/RS (1999-2002) e constituem espaços preferenciais para apresentação e debate de trabalhos científicos sobre agroecologia.

intensivo de tecnologias, seja por estar regido por lógicas de intensificação da produção, de eficácia e eficiência, seja por ter maior poder na família para decidir sobre investimentos”. (NOBRE, 2012)

E neste mesmo sentido, os autores Silva e Schneider (2010) em pesquisa sobre pluriatividade e gênero, afirmam que boa parte dos estudos sobre mulheres rurais realizados no Brasil sempre as colocou dentro da unidade de produção, em uma condição de trabalhadoras não remuneradas e com baixa valorização. Os pesquisadores consideram os estudos importantes, mas ressaltam que permanecem lacunas para as alternativas desta desigualdade.

Esta desigualdade traduzida na invisibilidade e desvalorização dos trabalhos femininos não é uma situação colocada apenas ao espaço rural e/ou agroecológico, mas em todas esferas, das relações homem x mulher, existentes na sociedade. Em um artigo, Emma Siliprandi (2007), afirma que o debate sobre gênero e agricultura familiar tem avançado bastante nos últimos anos, centrado tanto na invisibilidade do trabalho feminino nas atividades produtivas e reprodutivas, como nas perspectivas que se abrem para as mulheres com a ascensão cada vez maior das atividades não agrícolas como geradoras de renda no meio rural. No entanto, algumas questões permanecem em aberto, e merecem uma reflexão quando nos perguntamos o lugar das mulheres nas propostas agroecológicas e as perspectivas de emancipação vinculadas a essas atividades (SILIPRANDI, 2007).

Esta autora, ao pesquisar sobre as diversidades e identidades sociais das mulheres na agroecologia conclui, que no início dos anos 2000, um novo cenário começou a se delinear no campo agroecológico e veio a ser sentido também em muitos movimentos sociais do campo: as mulheres agricultoras passaram a apontar para novas questões, fazendo exigências ao Estado, a sociedade e aos próprios movimentos, que iam além da simples sobrevivência do modo de vida camponês.

Neste mesmo período, no ano de 2000, ocorreu a 1º Marcha das Margaridas e foi com a articulação de organizações sindicais, movimentos feministas e mulheres que revelou a “grande capacidade de mobilização e organização. Pelo caráter formativo, de denúncia e pressão, mas também de proposição, diálogo e negociação política com o governo federal, tornou-se amplamente reconhecida como a maior e mais efetiva ação das mulheres da América Latina”².

²A Marcha das Margaridas é coordenada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), pelas 27 Federações de Trabalhadores na Agricultura (FETAGs) e pelos mais de 4 mil

Ao resgatar um pouco da história do movimento agroecológico no Brasil, é importante ressaltar que foi durante a preparação do I ENA³, com grande mobilização de organizações sociais, poderes públicos e instituições de pesquisas, e com o objetivo de dar visibilidade à agroecologia, que se iniciou a discussão sobre as mulheres: montou-se um grupo para tratar deste tema e garantir a transversalidade em outros grupos que participariam do encontro.

Segundo Miriam Nobre (2005), em um relato sobre o momento de construção neste período, coloca que a dupla estratégia (grupo específico e transversalidade) também decorre do dilema entre valorizar as iniciativas hoje realizadas pelas mulheres e para isto ampliar a noção do que são práticas agroecológicas (por exemplo, incorporando o agroextrativismo, o artesanato com matérias primas locais); e permitir a elas realizar outras coisas. No dizer de uma agricultora participante do GT Gênero: permitir às mulheres sair dos quintais.

Ressalta-se que no mesmo ano que ocorreu o I ENA, ano de 2002, também se formou a Articulação Nacional de Agroecologia e, dois anos depois, em 2004, o Grupo de Trabalho de Mulheres (GT de mulheres) da ANA. Miriam Nobre (2005) ainda coloca que o GT realizou o Seminário Gênero e Agroecologia: “Participaram representantes de todas as organizações (ong’s e movimentos) envolvidos na construção da ANA, além de grupos feministas que atuam na área rural de todas as regiões do país. Também iniciamos o diálogo com o MAELA (Movimento Agroecológico Latino Americano) conhecendo suas estratégias para incorporar gênero.”

Os pesquisadores Petersen & Almeida (2006), analisaram que o curto período pós-ENA foi o fortalecimento das “redes intermediárias” em todas as regiões e em vários estados. Multiplicaram-se os eventos de intercâmbio e mobilização, os

Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs), e por várias organizações de mulheres parceiras. As três primeiras marchas, realizadas em 2000, 2003 e 2007, focaram na plataforma política e na pauta de reivindicações a luta contra a fome, a pobreza e a violência sexista. Já em 2011, o lema foi “Desenvolvimento Sustentável com Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade”. Ver em <<http://fetase.org.br/mobilizacoes/marcha-das-margaridas/>>. Acesso em 10.out.2015

³ O ENA ocorre pela primeira vez em 2002 e é resultado de uma série de articulações e demandas por parte dos diversos atores que estavam construindo o debate da agroecologia. Segundo Luzzi, este evento é considerado um grande marco, pois conseguiu reunir diferentes movimentos sociais rurais e organizações de trabalhadores para discutir a temática da agroecologia e, principalmente, colocou no centro do debate os agricultores e suas experiências concretas de promoção da agroecologia. O ENA permitiu que estas experiências se tornassem conhecidas e ganhassem visibilidade, tanto junto ao grande público, como, principalmente, entre os próprios agricultores, que até então se encontravam praticamente isolados uns dos outros. (LUZZI, 2007, p.163)

intercâmbios entre grupos de agricultores-experimentadores e os eventos para troca de experiências no plano metodológico.

A partir dos documentos, relatos e pesquisas aqui citados, percebe-se que há, primeiramente por parte dos movimentos sociais, uma agenda construída para debater os problemas do campo, incluindo a mulher como protagonista. Neste momento, o movimento da agricultura alternativa, inicialmente colocado para questionar as formas convencionais de apropriação e produção da terra, vem se fortalecendo e ganhando espaços para debates, formação e pesquisa.

O momento de convergência de diversos protagonismos, de pesquisadoras (es), técnicas (os), agricultoras (es), com o objetivo de dar visibilidade à agroecologia, repercutiu em diversos espaços de divulgação e socialização do conhecimento, a exemplo disto, foi a realização do I Congresso Brasileiro de Agroecologia em 2003. Vale ressaltar que, em todo momento desta convergência, o GT de mulheres da ANA foi atuante e se estabeleceram como um grupo estratégico, aglutinando técnicas das entidades, das instituições de assistência técnica e extensão rural, pesquisadoras e agricultoras, para garantir a participação de mulheres e dar visibilidade aos seus trabalhos em todos os espaços do movimento agroecológico. E desta forma, os CBAs também acabaram por incorporar, em seus conteúdos e sessões de trabalhos, os temas sobre gênero e mulheres.

No último ENA, realizado em Juazeiro-BA, em 2014, as mulheres reafirmaram o lema “Sem feminismo não há Agroecologia”, e através de oficinas, seminários e encontros para promoção da reflexão sobre a desigualdade das mulheres às políticas públicas, se prepararam para o encontro e tiveram mais de mil mulheres presentes. Na carta política do III ENA ⁴(2014), as mulheres deixam claro suas intervenções e demandas: “Elas compreendem que a construção da agroecologia prima por uma visão ética de justiça social e ambiental, que pressupõe o compartilhamento do trabalho doméstico e de cuidados e da gestão da produção. A agroecologia é indissociável de uma vida sem violência, regida pelo respeito e pela igualdade, o que implica a garantia do direito das mulheres à plena participação na vida social e política de suas comunidades, bem como a garantia de seu acesso à

⁴ Ver em < <http://www.agroecologia.org.br/index.php/publicacoes/publicacoes-da-ana/publicacoes-da-ana/carta-politica-ena/detail> >. Acesso em 14.nov.2015

terra, à água, às sementes e às condições de produção e comercialização com autonomia e liberdade” (CARTA POLÍTICA III ENA, 2014)

O surgimento do GT de mulheres da ANA e a inserção do tema sobre mulheres e gênero nos diversos espaços, têm mostrado a importância da articulação e de ações estratégicas na garantia da participação feminina e na organização de reflexões e pautas que correspondem à realidade vivida pelas mulheres rurais. Mas, ainda que este debate é crescente e visível, ainda há perguntas a respeito de como e onde estão as mulheres rurais. Emma Siliprandi (2007), em um resumo para o II congresso brasileiro de agroecologia, analisa a organização social das mulheres e os pontos sobre o ecofeminismo, e nos coloca algumas reflexões:

- Os estudos “no campo ecológico” raramente dá destaque às mulheres envolvidas nos projetos. A participação das mulheres, nos diversos projetos que envolvem agroecologia, muda a vida delas? Teriam elas aumentado a sua autonomia? Tiveram mais acesso a informações, a bens materiais, a oportunidades de capacitação? Houve mudanças na divisão sexual do trabalho, na propriedade, na comunidade, na família? As experiências “agroecológicas” permite mudanças nos padrões de gênero, diminuindo as desigualdades entre mulheres e homens?

- Em relação aos princípios ligados ao ecofeminismo⁵, teriam as mulheres rurais mais sensibilidade (a partir da condição essencial, seja por construção histórica das atribuições de gênero) para tratar dos temas ambientais, como afirmam esses movimentos? E desta forma, não deveriam as mulheres estar decididamente mais à frente das lutas ambientais? Mas qual o lugar que elas efetivamente ocupam nessas lutas? E de que forma o ecofeminismo, com a sua visão de vinculação de um ideal feminino com a questão do cuidado da vida e da natureza vêm contribuindo para desconstruir a visão de desigualdade?

Ao finalizar a análise, Siliprandi (2007), coloca sua conclusão questionando até que ponto as propostas de mudanças, nos modelos produtivos que vêm sendo exercitadas pelos movimentos agroecológicos, conseguem romper com estas visões

⁵ Emma Siliprandi (2009), expõe em sua tese de doutorado as diversas leituras e críticas ao Ecofeminismo. Traduz inicialmente que o ecofeminismo parte de uma ideia básica, que é a existência de uma interconexão entre a dominação da natureza pelos seres humanos e a subordinação das mulheres aos homens, expressa na predominância de formas patriarcais de organização das sociedades ocidentais, em que o espaço reservado às mulheres situa-se basicamente nas atividades de reprodução social. (SILIPRANDI, 2009, p.20)

de uma família idealizada, onde as relações de poder entre os seus membros estão rigidamente estabelecidas? (SILIPRANDI, 2007)

É importante salientar estas questões no presente estudo, não apenas porque elas já foram feitas e sim, porque trazem a essência desta pesquisa, em averiguar como a agroecologia (as instituições e suas autorias), através dos CBAs, vem abordando um tema que já é visibilizado e documentado por muitas instituições públicas e movimentos sociais.

Fazendo um retrospecto dos CBAs, têm-se que nos cinco primeiros, as temáticas se mantêm as mesmas: desenvolvimento rural, sociedade e natureza, manejo de agroecossistemas sustentáveis, uso e conservação de recursos naturais, acrescidos das sessões diversos e outras temáticas. Para os eventos seguintes, VI, VII e VIII CBAs, apresenta-se nova configuração e são abordadas temáticas importantes e atuais: políticas públicas, transição agroecológica, mulheres e juventude. Considerando que o CBA é o mais importante evento de pesquisas na área da agroecologia no Brasil, foi proposta a análise dos resumos expandidos, filtrando o tema de gênero e mulheres, apresentados durante os doze anos de congressos.

MATERIAL E MÉTODOS

Para este estudo formou-se um *corpus* fornecido pelo site da ABA (Associação Brasileira de Agroecologia) dos anais dos CBAs (Congressos Brasileiros de Agroecologia) com os seguintes metadados: Título, Autor, Afiliação, Ano de publicação, Resumo e Palavra-chave. Para organização deste *corpus*, foram utilizadas as contribuições da bibliometria. Segundo Spinak (1996), a bibliometria estuda a organização dos setores científicos e tecnológicos a partir de fontes bibliográficas e produções para identificar os atores, suas relações e tendências. Os índices bibliométricos também são utilizados para avaliar a produtividade e a qualidade da pesquisa dos cientistas, por meio da medição com base nos números de publicações e citações dos diversos pesquisadores.

Para a filtragem dos resumos, que possuem em seus conteúdos o tema de gênero e mulheres, foi colocado um filtro, a partir dos títulos, com os seguintes termos: gênero, mulheres, camponesas, mulheres rurais, trabalhadoras, feminino, agricultoras, produtoras, pescadoras, assentadas e catadoras. Após a filtragem dos resumos expandidos, analisou-se as palavras-chaves, seguindo para a leitura e categorização de cada trabalho publicado.

A partir da seleção dos resumos, foram projetados mapas (ver Figuras 1, 2, 3, 4 e 5) apontando as regiões das autorias e os locais que são apresentadas as experiências e pesquisas com mulheres. Muitos resumos expandidos mostraram que nem sempre o local da instituição proponente das pesquisas é o local que reside o projeto ou a experiência com mulheres rurais. As cores que representam esta situação: laranja- locais das autorias apenas, a cor azul- local das autorias e presença de projetos e pesquisas, cor verde- presença de projetos e pesquisas apenas.

Para perceber como são tratados alguns temas na agroecologia, a proposta de analisar as palavras-chaves é importante porque expõem a abrangência de um assunto e os seus conceitos principais, que podem ser úteis para a indexação em mecanismos de pesquisa ou para a categorização do texto. Estas palavras, quando comparadas com os títulos e resumos, confirmam o interesse dos temas pelas autorias. Desta forma, foi formada uma nuvem de palavras para mostrar o quanto determinado tema surge entre os resumos que abordam gênero e mulheres. Este é um recurso muito utilizado para visualização de resultados, na qual cada palavra tem seu tamanho regido pela sua frequência em determinado corpus de texto

Para organizar os trabalhos publicados em categorias não foi uma tarefa fácil. Afinal, os resumos apresentam as mais variadas formas e interpretações sobre as mulheres e as suas relações no espaço rural. A diversidade dos temas que surgiram, envolvendo as mulheres e a agroecologia, levou a formação das categorias. Ou seja, foram os resumos que apresentaram os enfoques e objetivo, isso direcionou a criação das seguintes categorias: Divisão sexual do trabalho; Agroecologia contribuindo para a visibilidade das mulheres; As mulheres contribuindo para a construção da agroecologia; Geração de renda; Manutenção do conhecimento; Manutenção da biodiversidade; Auto-organização; Segurança alimentar e Políticas públicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 5.127 trabalhos publicados em 12 anos de realização dos CBAs, e deste corpus, foram filtradas com as palavras indicadoras do tema da pesquisa, apenas 75 resumos expandidos, um número bastante reduzido quando comparado a grande quantidade de publicações que envolvem as comunidades técnico-científicas nos congressos. Esta realidade reforça o relato de uma integrante

da ABA, durante a Assembleia Geral da Associação Brasileira de Agroecologia⁶, realizada no dia 27 de novembro de 2013, em Porto Alegre/RS, colocando sobre os poucos trabalhos que são apresentados nesta temática: “Queremos acabar com a invisibilidade das pesquisas, a sistematização do conhecimento a partir das mulheres (...), há a necessidade de incorporar a discussão sobre esse olhar de gênero das mulheres e do feminismo”.

Desta forma, mesmo o tema considerado surgente, ainda se percebe como a ciência apresenta-se com valores androcêntricos, em uma perspectiva de desvalorização do feminino. Sandra Harding (2007) já afirmava sobre a valorização da ciência reducionista, objetiva, racional e de bons métodos, e que do outro lado surge a negação do empírico e do primitivo, se distanciando das práticas e qualidades associadas ao feminino.

Para perceber a coocorrência dos termos que mais caracterizam os trabalhos que envolvem as mulheres, apresenta-se a figura 6, que mostra a nuvem de palavras, e se observa que os termos hortas, fitoterápicos, produção artesanal, feiras agroecológicas, alimentos, quintais e sementes crioulas surgem como caracterização das atividades que envolvem as mulheres nos espaços rurais. Esta relação de termos com a diversidade dos trabalhos executados pelas mulheres rurais nos mostram indícios da divisão sexual trabalho, simbolicamente atribuída às mulheres. Heredia *et al* afirmam que as análises que descrevem o roçado como lugar do homem e a casa como lugar das mulheres considera como parte da casa o pátio onde se criam pequenos animais, como aves, cabras e porcos, e as mulheres presentes nas feiras vendendo verduras, frutas e condimentos (HEREDIA *et al.*, 1984). Nesta nuvem de termos também visualizamos que grande parte dos resumos contém, na representação das palavras-chaves, o termo mulher e gênero. Esta amostragem considera o interesse das autorias no tema e a preocupação de expor o foco dos resumos apresentados aos CBAs.

Através da visualização do mapeamento dos locais (ver figuras 1, 2, 3, 4 e 5) que possuem experiências com mulheres, percebemos a diversidade cultural e de realidade que os trabalhos estão inseridos. Nota-se que as regiões sudeste e nordeste são os locais que mais possuem trabalhos apresentados. Esta representação

⁶ Ver em <<http://www.agroecologia.org.br/index.php/noticias/noticias-para-o-boletim/591-pela-primeira-vez-uma-mulher-assume-a-presidencia-da-aba>>. Acesso em 10.out.2015

demonstra também a mobilização nacional que os congressos brasileiros de agroecologia possuem e diante desta diversidade, foi proposto a análise de cada resumo e categorização dos mesmos. Foi feita uma lista das autorias e as respectivas indicações dos CBAs para conhecer as autoras e autores que promovem a temática nos congressos. (ver tabela 01).

Após leitura é que consegue-se ter maior dimensão dos assuntos abordados nos CBAs. Dentro da primeira categoria estabelecida, divisão sexual do trabalho, o resumo intitulado “A Realidade das Mulheres Rurais na Luta pela Reforma Agrária: Ação x Anonimato”, apresenta trechos que descrevem o desencorajamento das mulheres em relação às suas atividades: A questão é que as agricultoras apresentam uma profunda insatisfação em relação ao reconhecimento de suas ações, não apenas por parte das instituições governamentais, mas principalmente daqueles que estão mais próximos, como maridos, filhos e familiares. (FERNANDES, 2009, p.1)

Este desencorajamento, muitas vezes, surge como a ausência de políticas públicas voltadas à mulher, em ações para afirmação da mulher como protagonista e até mesmo dentro do próprio núcleo familiar, quando companheiros, maridos e filhos dizem que ir às reuniões ou encontro com grupos não leva a lugar algum, que é melhor “ficar em casa”. Neste mesmo resumo surge o relato dos homens sobre as atividades das mulheres durante o período que ficaram acampados: “nas reuniões quando foi perguntado aos homens qual a participação das mulheres nas conquistas do assentamento, sempre tínhamos como resposta que foi pouca, e que elas sempre ajudaram, mas não participaram muito”. (FERNANDES, 2009, P.2). A autora conclui que a invisibilidade do trabalho feminino é constatada no estudo: os homens quando perguntados sobre a participação das mulheres, respondem apenas que elas ajudaram com a alimentação das famílias acampadas e nos cuidados com as crianças e com a higiene do grupo. Não foi relatado por eles, a participação nos processos produtivos nos quintais e roçados, a presença delas durante os conflitos, bem como sua permanente contribuição nas tarefas realizadas no espaço doméstico.

Em outro resumo, colocado na categoria, com o título: “Trabalho de homem, trabalho da mulher: Divisão social de trabalho em cinco localidades do Nordeste do Pará”, as autoras descrevem que encontrou uma agricultora no trabalho da roça e ela afirmou, que estava naquele horário, trabalhando fora de casa porque o marido a pagava. Dizendo, com voz baixa e para ninguém saber porque ela seria mal vista pelos vizinhos, que é justo o pagamento porque assim ele pagaria à ela e não à

outra pessoa. As autoras Costa e Kato (2007), mostram que a relação homem dominador x mulher dominada possuem transgressões, ajustes e resistências, porém não exclui as desigualdades e hierarquias entre os gêneros, afinal ela está recebendo pagamento por trabalhar na roça, em um local considerado masculino, e não pelo trabalho doméstico e dos cuidados no âmbito da casa.

A afirmação de como as relações são desiguais e como as forças simbólicas, que permeiam a vida das mulheres e dos homens, se demonstram em desequilíbrio de participação, a autora Cecília Bernardi (2013) em seu resumo, “As mulheres participando nas cooperativas: olhares sobre o desenvolvimento rural”, relata que é comum as decisões serem tomadas pelos homens, que participam de organizações coletivas e, ao estar participando e exercitando o poder da fala e do debate, desenvolvem seu poder de argumentação e de exercer o poder. As agricultoras familiares camponesas, em sua grande maioria, estão distantes dos espaços de decisões dentro e fora da propriedade, bem como, das decisões em suas próprias cooperativas, inclusive das decisões de comercialização.

Nesta categoria encontra-se a maioria dos resumos apresentados no CBA, enfatizando as diferenças, entre os sexos feminino e masculino, na participação em organizações coletivas, no tempo despendido aos trabalhos remunerados e não-remunerados e nas atividades consideradas masculinas e femininas. Desta forma, podemos afirmar que grande parte das autorias, ao relatarem suas pesquisas e estudos de caso, afirmam a existência desta desigualdade no espaço rural, sempre enfatizando a invisibilidade dos trabalhos rurais femininos.

Durante a leitura dos resumos, surgiu uma categoria importante e que faz parte da análise deste estudo: como agroecologia vem contribuindo para a visibilidade das mulheres rurais. Esta categoria foi pensada para expor os resumos que apresentaram o envolvimento da agroecologia com o tema de gênero e mulheres, seja pelo surgimento do “objeto” mulher durante a pesquisa ou pelo próprio olhar que esta ciência traz, em protagonizar os diferentes atores envolvidos nas relações rurais. Diferente da categoria “mulheres contribuindo para a construção da agroecologia”, que mostrou, dentro de uma perspectiva de valorização da mulher, como as agricultoras têm se organizado e se protagonizado a partir de sua existência e relação com o espaço rural.

Em um resumo que aparece no VI CBA, “A Importância da Perspectiva Agroecológica no Empoderamento das Mulheres Camponesas: Processo Mulheres e

Agroecologia como Estudo de Caso”, a autora, ao abordar Foucault em relação à noção de poder, sinaliza que a sistematização de experiências agroecológicas permite a reflexão da realidade por parte das mulheres envolvidas: o que era visto como natural pode ser questionado. Conhecer e refletir sobre a realidade pode significar um caminho ao empoderamento, porque o poder passa a ser daquele que tem a iniciativa prática e não daquele que tem a “boa fala”. (FERREIRA, 2009). A autora conclui que os processos agroecológicos devem ter uma perspectiva emancipadora para as mulheres, para retirá-las da invisibilidade. Afirma ainda que a ideia de se trabalhar a família não é igual a trabalhar com todos os seus membros, considerando as relações desiguais de poder dentro do núcleo familiar.

Há estudos que focam os manejos e iniciativas agroecológicas a partir de hortas, como os resumos de Zuluaga-Sánchez (2009) e Chávez-García (2009), e nestes trabalhos a participação feminina aparece, mostrando como o manejo ecológico do sistema produtivo e posterior comercialização dos produtos mudam a vida das mulheres agricultoras.

Um outro exemplo de resumo que foi incluído nesta categoria foi publicado em 2013 por Aguiar & Jalil. As autoras colocam como suposição que as experiências protagonizadas por mulheres na agroecologia se manifestam através da luta pela terra, uso tradicional de recursos naturais, produção de base ecológica, em inserção nos mercados diferenciados e solidários e na luta pelo reconhecimento de seu trabalho. Também afirmam que a agroecologia, comprometida com as transformações para a sustentabilidade, não pode deixar de incorporar no processo educativo o tema das desigualdades de gênero.

Se por um lado a agroecologia pode ser uma aliada ao enfrentamento das desigualdades no campo, como afirmam algumas autoras, por outro, as mulheres também estão se mostrando e visibilizando a agroecologia. A categoria “mulheres contribuindo para a construção da agroecologia” mostra este teor dos resumos. Siliprandi (2009), durante o VII CBA, mostra como a organização de mulheres, na Articulação Nacional de Agroecologia, têm promovido a agroecologia. A pesquisa através de um questionário respondido, pelas diversas entidades que compõem a ANA, constatou que 93% das instituições mantêm programas e projetos voltados à igualdade de gênero e que há um reconhecimento do Grupo de Trabalho de mulheres da ANA como referência para as ações. Este dado nos mostra como o protagonismo

coletivo de mulheres pode gerar temas e ações para diversas entidades que trabalham a agroecologia no Brasil.

Um exemplo de resumo que segue a dimensão da pesquisa citada acima, é o trabalho intitulado ‘Mulheres movimentando temáticas em agroecologia: Saneamento ecológico como pauta de discussões e ações em comunidades familiares na Zona da Mata e Leste Mineiro’, de Caon *et al* (2011). O trabalho mostrou o apontamento de mulheres agricultoras para se trabalhar a questão do saneamento na zona rural, uma vez que já estavam inseridas no processo de transição agroecológica. A atenção da pesquisa dada à esta demanda mostrou, através da preocupação em relação à saúde e contaminação do solo, como a agroecologia pode abordar questões que não estão diretamente voltadas às práticas agrícolas.

Um trabalho que se inclui nesta categoria mostra como uma feira, em Santa Catarina/RS, ao agregar produtos processados, artesanais e hortaliças, produzidos em grande parte por mulheres, se identifica como um evento agroecológico e com preços diferenciados na cidade. Um outro resumo, apresentado por Alencar (2011), em estudos da abordagem das mulheres nas edições da revista *Agriculturas*⁷, coloca que os eixos principais que conduzem as ações das mulheres são: a solidariedade, a organização coletiva e o esforço para o desenvolvimento de políticas públicas. Dentro desta perspectiva, a autora reforça como as mulheres contribuem para o conceito de soberania alimentar e para a agroecologia de uma maneira geral.

A categoria “geração de renda” mostra os estudos que dão visibilidade para a ação produtiva das mulheres. Vale ressaltar que alguns estudos mostram, as atividades relacionadas às mulheres, como uma ação “alternativa” de renda, mas todos eles ressaltam a importância desta “contribuição” para a família. Outros elementos também são percebidos nesta categoria como, por exemplo, a organização em coletivos e grupos femininos para a produção permitem a construção da autonomia e do empoderamento das mulheres. O resumo apresentado no VII CBA, de Camboim (2011), aponta como conclusão o fato das mulheres passarem mais tempo juntas e terem espaços para socialização das dificuldades e soluções acabam contribuindo para as organizações mistas que fazem parte e, pelo fato de ter um “grupo só de mulheres”, há um impulso para a autonomia da organização e das mulheres. Muitos trabalhos também mostraram como as feiras são importantes

⁷ A revista *Agriculturas* encontra-se disponível na Internet com acesso aos textos integrais dos artigos, com resumos em português e inglês (<http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/brazil>).

espaços para esta socialização, indicando que o ato de “arrumar as coisas” para a feira, conhecer mais mulheres e conversar com as pessoas têm sido emancipador, gerando visibilidade para as agricultoras em suas casas e na comunidade.

Ao contrário desta situação, colocando a mulher na esfera produtiva e na perspectiva de retornos econômicos, ainda temos experiências que mostram as dificuldades que as mulheres possuem para garantir a sua autonomia: a divisão de suas tarefas, com o lar e a família, gera o que conhecemos como sobrecarga de trabalho e muitas mulheres acabam se desligando de suas organizações. Exemplo disso é o estudo realizado por Bock et al (2013), durante o VIII CBA, na seguinte afirmação durante o processo de organização feminina em uma agroindústria, na qual as questões de gênero na família ficaram em evidência, pois os homens sentiram que as esposas estavam saindo do espaço privado do lar, para o espaço público, tornando-se conhecidas e reconhecidas na comunidade e os conflitos começaram. Algumas delas optaram por não enfrentar esse obstáculo e simplesmente saíram do grupo. Outras se afastaram porque realmente não conseguiam conciliar todas as jornadas. (BOCK et al, 2013)

Conduzindo-se pela necessidade econômica de gerar renda, as mulheres têm se mostrado estratégicas e colocado ações como solução de problemas financeiros e de limites no uso da terra e florestas: os resumos como de Aoki *et al* (2007), mostrou como o problema da escassez do pescado, condicionado pela degradação ambiental, período do defeso e o pagamento do seguro desemprego condicionado à carteira profissional da pescadora, que muitas mulheres não possuem, levaram as mulheres à produção artesanal e comercialização de outros produtos para garantir renda à família. É necessário considerar que neste período os homens, principais agentes da pesca, saem das comunidades pesqueiras para trabalhos diários nas cidades. Outro estudo, que levanta a situação das mulheres agindo com os limites de uso e produção com o meio, é o resumo intitulado “Mulheres em movimento: O Grupo de Trabalhadoras Artesanais e Extrativistas – GTAE no Sudeste do Pará”. Neste estudo, realizado em um assentamento agroextrativista, mostrou que a degradação ambiental, vinculada a um conflito agrário, limita o extrativismo das famílias que residem na região. As mulheres, diante da situação exposta, se organizaram para extração de óleos economicamente valorizados para o segmento farmacêutico e de cosméticos.

Na categoria “manutenção do conhecimento”, os resumos apresentaram mulheres envolvidas em trabalhos com o conhecimento das plantas e seus usos. O mesmo se enquadra para a categoria “manutenção da biodiversidade”, que ao relacionar as mulheres nas atividades voltadas aos quintais, indicam a construção simbólica desta ação na história de vida das mulheres rurais. Para estes apontamentos, podemos citar KOSS (2000) sobre o conhecimento adquirido em relação à biodiversidade e usos das plantas, afirmando que o fator determinante da passagem da coleta para o plantio, uma significativa revolução cultural iniciada pelas mulheres. Foi como coletoras que elas adquiriram um conhecimento dos vegetais, flores e frutos e puderam aprender, pela experiência direta e pela observação contínua, o processo de semeadura e germinação do mundo natural. Passo seguinte, o reproduziram intencionalmente (KOSS, 2000).

No *corpus* dos resumos, há um estudo apresentado no III CBA em 2005, que apresenta o resgate deste conhecimento, historicamente construído pelas mulheres, para a produção de sementes crioulas com o Movimento das Mulheres Camponesas de Santa Catarina - MMC/SC. Este trabalho mostra que a busca pelos conhecimentos tradicionais, voltados à cultura camponesa, é também ligado ao fator de menor dependência de insumos externos para a produção agrícola. E desta forma, mostrando como a manutenção destas práticas e conhecimentos podem contribuir para a agroecologia.

Uma categoria importante de se incluir neste estudo foi a “auto-organização das mulheres”. Alguns resumos apresentaram em seus conteúdos as diversas formas de organização de mulheres e suas agendas como construção política no combate à desigualdade. Entende-se que estes resumos, em uma perspectiva feminista, possuem o interesse de mostrar a importância da auto-organização na agroecologia, mas sobretudo, na conquista da terra, direitos e de uma vida sem violência. Abordar o tema da violência contra a mulher rural, em pesquisas e estudos de casos, ainda é muito tímida quando comparada aos trabalhos de inclusão produtiva agrícola, por exemplo. Um trabalho apresentado durante o VI CBA, mostra como um grupo de mulheres assentadas, na região da Zona da Mata mineira, iniciaram o processo de identificação e organização, mostrando que começaram a se reunir, no início como um espaço de convivência, socialização dos problemas, e conversas sobre saúde, alimentação, troca de receitas para se conhecerem melhor. E que nessas conversas percebeu-se que os anseios e as necessidades eram comuns e que, por estarem na

terra, a discussão sobre a produção de alimentos estava sempre presente. É colocado também que, com as conversas, veio a preocupação com a geração de renda, pois, o pouco dinheiro mal dava para o sustento da família e ainda se concentrava nas mãos dos homens. Nesse trabalho, afirma que o trabalho doméstico, tarefa exclusiva das mulheres, era tido como trabalho improdutivo, visto que não gera renda de forma direta e, desta forma, percebeu-se a importância de se organizar para mudar tal condição, o que consolidou o grupo e levou à formação do Coletivo de Camponesas do Assentamento Olga Benário. (MOREIRA et al, 2009)

Outro exemplo é o resumo que apresenta um Coletivo de Mulheres formado a partir do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), demandando melhorias de infraestrutura e políticas públicas para o espaço rural. As autoras Chimini et al (2013) mostram que, através dos encontros, a melhora de hábitos na alimentação e a autoestima tiveram resultados positivos entre as mulheres. Ainda afirmam que as famílias conseguiram incrementar suas rendas através da diversificação produtiva, que se iniciou com a produção para autoconsumo e melhoria da alimentação, e posterior comercialização para programas como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar).

Para o entendimento da auto-organização feminina nesta categoria, podemos citar a pesquisa realizada por Santos & Jalil (2013), com o título: A coragem das mulheres que mudaram a vida das trabalhadoras rurais do Sertão Central- PE, onde se apresenta a história de lutas e reivindicações do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central – MMTR- SC. Através de um relato, uma agricultora coloca o sentido da necessidade da auto-organização diante da exclusão das mulheres, indicando que elas (as mulheres) têm que se encorajar para enfrentar a vida e essa coragem tem que ser em todos os aspectos, olhar em todos os lados e ver onde estão sendo escravizadas, desvalorizadas, discriminadas para, na medida do possível, ter força para colocar cada coisa em seu lugar. Relata ainda que as mulheres são diferentes dos homens em todos os sentidos: no olhar, no viver, no sentir e para ela, historicamente, as mulheres têm um papel importante a desempenhar para mostrar que o mundo é dos homens e das mulheres e, que o mesmo não foi feito e nem pensado só para eles, é um espaço dos dois. (SANTOS & JALIL, 2013)

Desta forma entende-se que, nesta categoria da auto-organização, as mulheres se mostram protagonizando suas vidas e se apropriando de espaços públicos para expor seus direitos e promover a igualdade de participação.

Complementando-se a esta última categoria, podemos citar outras duas: “segurança alimentar” e “políticas públicas”. Na categoria da segurança alimentar, foi colocado apenas dois resumos. Considerando a importância que o tema tem para a agroecologia, foi analisado o resumo de Emma Siliprandi, apresentado no I CBA. Neste trabalho, a autora destaca a seguinte situação no envolvimento das mulheres com o tema da segurança alimentar: as mulheres têm sido um “instrumento” de políticas públicas para se atingir as famílias, principalmente como mostram os estudos voltados à segurança alimentar. Isso tem ocorrido em políticas sociais na nutrição, saúde e assistência social. O ponto que levou a categorização deste tema foi o questionamento que a autora trouxe para reflexão: de que forma as políticas inclusivas de mulheres podem contribuir para modelos de produção e consumo mais sustentáveis?

Em um resumo, apresentado no III CBA, sobre mulheres produzindo hortaliças na região norte do Brasil, corresponde à questão geradora feita por Siliprandi (2003): as mulheres viram a necessidade de melhorar a alimentação e o consumo de produtos saudáveis, mas as hortaliças que chegam até a região norte do país, oriundas do nordeste e sudeste principalmente, são de péssima qualidade. As agricultoras passaram por capacitações de manejo ecológico, seleção de variedades e sementes, observação do meio: onde plantar, épocas de plantio, de onde vem a água para irrigação e etc. Foi em uma situação de experimentação e adaptação dos cultivares de hortaliças que as mulheres conseguiram produzir suas próprias plantas. Segundo as autoras Nisa e Castro et al (2005), a experiência pioneira da Associação de Mulheres da Gleba Assurini, está sendo divulgada em mais localidades do Município de Altamira/PA.

Esta experiência levanta a situação das mulheres responsabilizadas pela alimentação e saúde da família, mas também demonstra as experiências que as agricultoras realizam para contribuir no tema da segurança alimentar. As políticas públicas têm demonstrado o desinteresse de entender e visibilizar as estratégias que as mulheres assumem, em suas ações, quando se trata do bem-estar da família, e mais particularmente, dos filhos.

A outra categoria que se complementa e finaliza a análise dos resumos é a referente à “políticas públicas”. Nesta categoria é importante salientar o interesse das autoras em mostrar a importância e a demanda por políticas inclusivas para mulheres rurais. Esta situação surge, principalmente, no momento de conclusão dos resumos

mostrando que, tanto a experiência relatada ou a pesquisa formatada, influenciou na reflexão e questionamento das políticas públicas atuais. Exemplo disso é o resumo apresentado no II CBA, por Mafra & Floriani (2004), ao retratar que as mulheres foram as que mais participaram do diagnóstico nas questões de saneamento e uso de agrotóxicos, além de apresentarem doenças crônicas relacionadas à fatores emocionais. Os autores concluem com a importância de articular diversos atores sociais para propiciar o desenvolvimento. Colocam ainda a provocação da necessidade de uma sinergia de organizações governamentais, principalmente a extensão rural, para os problemas encontrados nas comunidades rurais.

Já os autores, Burg & Lovato (2004), vão mais a frente quando colocam que as mulheres, ao não serem reconhecidas como importante força de trabalho, não são incluídas nos projetos e formulações políticas destinadas à agricultura em geral. Isso se dá porque se subestima a quantidade e a qualidade do trabalho feminino na unidade familiar. E por isso, os órgãos públicos acabam considerando atividades econômicas apenas aquelas que proporcionam renda direta. As autoras assumem que a lógica dos créditos se baseia nos monocultivos e não considera as diversidades de produção. Consideram que este é um fator que coloca em risco a conservação da biodiversidade e a diversidade cultural. Lembram ainda que esta situação reforça a desigualdade de gênero já que as monoculturas são essencialmente um espaço masculino, ao contrário dos policultivos, onde se predominam os trabalhos das mulheres.

Um trabalho no âmbito do poder público executivo federal, sistematizado por Pacífico & Caporal (2011), mostrou os relatos de mulheres técnicas, durante o processo de formação oferecido pela Diretoria de Assistência técnica e Extensão Rural (DATER), que contextualiza a necessidade de políticas Inter setoriais para “dar conta” da complexidade da questão de gênero, concluindo que as articulações das políticas podem influenciar na promoção de mulheres rurais.

É necessário ressaltar que cinco resumos expandidos não entraram nesta análise de categorias pelo fato de representar os termos agricultoras, trabalhadoras e camponesas apenas no título e nenhuma sistematização, de experiências ou pesquisas voltadas à mulher rural, foi encontrada em seus conteúdos.

CONCLUSÃO

A leitura dos resumos expandidos propiciou, em grande parte, o entendimento de como os trabalhos apresentados, durante os doze anos de CBA, vêm sistematizando a realidade e as experiências com as mulheres rurais. A categorização permitiu atingir parte do objetivo deste estudo. Entendendo que a diversidade e a complexidade do assunto trazem para a análise diversos elementos que se convergem entre si. Exemplo disso, são os conteúdos que abordam uma perspectiva de geração de renda, mas salientam que as atividades específicas das mulheres ainda são marginalizadas e contextualizadas na aceitação da divisão sexual do trabalho. Outros resumos, ao assumir que a agroecologia pode protagonizar as mulheres, seja através da afirmação do reconhecimento dos saberes, nos usos de diagnósticos participativos em atividades com organizações mistas, na manutenção da biodiversidade, no resgate de práticas camponesas, na referência das mulheres com a abordagem ambiental, promovendo a agroecologia como justiça e igualdade no campo, e exercendo atividades alternativas de produção, consumo e etc., muitas vezes desconsideram o processo de desconstrução das reais desigualdades enfrentadas pelas mulheres: que se perpetua na lógica simbólica da divisão do trabalho. Desta forma, este estudo considerou, durante a leitura dos relatos e experiências, o grau de percepção das autorias frente às desigualdades e necessidades, já conhecidas e estudadas, das mulheres rurais.

A categoria “divisão sexual do trabalho” foi a que mais teve resumos incluídos. Nota-se que a maioria das autorias, até mesmo nos resumos incluídos nas outras categorias, percebem as diferenças dos trabalhos que envolvem mulheres e homens, há a leitura das desigualdades sociais encontradas durante as pesquisas e, de maneira geral, a afirmação da agroecologia como uma nova visão para ações da assistência técnica, do modo de se fazer da ciência, de enxergar e estabelecer novas relações no campo para promoção da igualdade, justiça e do desenvolvimento rural sustentável. Mesmo existindo a atenção nas dificuldades enfrentadas pelas mulheres, na desigualdade de participação nos espaços públicos, no acesso aos mercados e comercialização, e sobretudo no acesso às políticas de inclusão social, percebe-se que a maioria dos resumos não evidenciam as contradições dos valores simbólicos estabelecidos na vida das mulheres, seja pela divisão sexual do trabalho ou pelo preconceito ao gênero feminino.

A agroecologia é considerada uma ciência e uma alternativa, com a construção coletiva, do desenvolvimento rural. Desta forma, como a agroecologia pode garantir a autonomia, sustentabilidade e igualdade entre os pares? De que maneira as diversas instituições e atores envolvidos com a agroecologia descontroem a visão androcêntrica estabelecida, principalmente nas pesquisas, na extensão rural e nas políticas, na realidade vivenciada pelas mulheres? Estas perguntas são significativas e prevalecem neste estudo.

Uma outra categoria que ganhou destaque foi a de “geração de renda”. Os resumos que apresentaram a diversidade de atividades que as mulheres estão envolvidas, compreenderam, acima de tudo, que as mulheres exercem qualquer atividade rural colocada a elas, superando a noção de limites biológicos condicionados aos sexos, e que também dividem seus tempos com a casa e a família. Os resumos que apresentaram os termos “geração de renda alternativa” consideram a mulher, colocada em suas divisões dos tempos aos cuidados, não produtiva economicamente de maneira integral, como os homens em suas atividades diárias. Esta situação reforça alguns elementos como: coloca na esfera masculina a ideia da produção e das atividades economicamente ativas e subordina as mulheres em mera “ajuda” destas atividades ou em trabalhos que envolvem os quintais. Seguindo a reflexão das diferenças dos trabalhos executados, o condicionamento masculino à monocultura (dando importância à alguma cultura central da unidade de produção) e na capacidade de assimilar novas tecnologias para a agricultura se revela insustentável para a agroecologia. Diferente disso, a relação historicamente estabelecida pelas mulheres com o meio ambiente e o uso da biodiversidade, justificada muitas vezes pela atenção aos cuidados com a alimentação e saúde, acaba surgindo nos resumos publicados nos CBAs.

Os temas que mais surgiram nesta categoria foram: hortas, plantas medicinais, produtos processados e artesanatos. A existência destes termos assume o enquadramento das mulheres em atividades consideradas como uma extensão doméstica, e afirmam a maneira “alternativa” das mulheres, nos desdobramentos do tempo doméstico e produtivo, para gerar renda. Seria esta divisão dos tempos e das grandes jornadas de trabalhos o motivo pelo qual muitas mulheres ainda não participam ativamente de suas organizações (associações e cooperativas)? Em alguns resumos grande parte das autorias condicionavam o fator tempo para a ausência de mulheres em reuniões, mas outras reflexões também foram feitas a partir

desta divisão sexual do trabalho. Posicionar a mulher em tarefas domésticas ausenta suas participações, em reuniões e projetos, para o preparo da alimentação, arrumar as crianças para a escola, cuidar dos idosos da família e manter a higiene da casa. Isso permite uma apropriação masculina cada vez maior dos espaços públicos, e progressivamente, as ações, programas, pesquisas e atividades são decididas pelos homens, tornando os espaços e a realidade da mulher não enquadrável e, cada vez mais, diminuídos à esfera doméstica.

A situação exposta permite avançar em um desencorajamento da mulher para participar dos diálogos e das decisões em projetos que possuem o objetivo de qualificar a vida das pessoas. Diante disso, como podemos através da assistência técnica, da extensão rural e com as atividades dos diversos projetos, que apoiam grupos e coletivos de mulheres, colocar a importância da divisão dos tempos e dos cuidados entre homens e mulheres? Se a ação social e a construção coletiva do conhecimento são importantes para as bases da agroecologia, como podemos encorajar a participação feminina nos espaços públicos e de decisão em sua comunidade?

Por outro lado, muitos resumos que surgiram nesta categoria, da geração de renda, sistematizaram as experiências de mulheres em feiras locais e regionais. Muitos deles afirmam que há uma feminilização das feiras populares e que são marcados como encontros e locais para conversas, socialização do conhecimento, permitindo que as mulheres dialoguem com consumidores e transmitam, de maneira geral, a importância de suas atividades durante o ato de comercialização. Estas experiências vêm acompanhadas com os desafios de “sair de casa” e começar a ser vista pelo bairro e/ou organização comunitária, mas como há um interesse comum no núcleo da família em gerar renda, as feiras têm se mostrado importantes eventos para a auto-organização de mulheres.

A categoria de auto-organização, gerada neste estudo, tem relação com os resumos que apresentaram, a partir das necessidades e demandas em comum, o processo de organização das mulheres para a construção de uma agenda reivindicatória, se dando em espaços locais, estaduais e nacional. Nota-se que a politização das mulheres que acompanham este processo de organização se dá, em primeiro momento, pelo desencontro de políticas públicas e ausência de infraestruturas (muitas vezes relacionadas à saúde, educação e inclusão produtiva) para melhorar ou manter a dignidade e a qualidade de vida local. É importante

ressaltar que, a partir da auto-organização das mulheres, muitos movimentos sociais mistos e feministas se fortalecem com a apresentação de pautas reivindicatórias das mulheres, resultando em políticas públicas específicas de inclusão social. Podemos citar no contexto rural, a inclusão dos nomes das mulheres como beneficiárias da reforma agrária, nas declarações de aptidão ao Pronaf (DAP), nos programas de mercados institucionais (PAA e PNAE), assistência técnica e extensão rural (ATER) direcionadas para mulheres e entre outras, políticas que foram estabelecidas, através da visão androcêntrica, para benefício de quem estava à frente da produção economicamente ativa: os homens.

É importante salientar a necessidade de manter o eixo propositivo do tema, mulheres e relações de gênero, para apresentação dos trabalhos nos CBAs. Entendendo as novas formas, dinâmicas e os estudos inacabáveis sobre agroecologia, agricultura familiar e campesinato, este eixo pode ser norteador para muitas trocas de informações, identificação e no acúmulo de experiências das mulheres no espaço rural.

Na referência de alguns resumos foi classificado apenas dois na categoria de segurança alimentar. Neste estudo, entende-se que o tema complementa muitas outras áreas do conhecimento e pesquisas, e tem em seus pilares a distribuição, o consumo e a produção de alimentos, envolvendo também os preços justos, a acessibilidade e a qualidade destes produtos. No resumo de Emma Siliprandi (2003) sobre o assunto, a pesquisadora levanta questões de como as mulheres poderiam contribuir para a segurança alimentar, entendendo a necessidade de olhar para as experiências e estratégias que as agricultoras e camponesas desenvolvem para produzir, comercializar e garantir o sustento e alimentos saudáveis para o consumo da família. Parte desta categoria foi complementada por uma experiência bem-sucedida, apresentada em outro resumo na região norte do país, mostrando como as mulheres conseguem produzir hortas, ecologicamente saudáveis, em um local onde as hortaliças são provenientes de outras regiões do país.

Despertar o olhar e entender as estratégias que as mulheres desenvolvem para garantir o sustento econômico, se organizar para demandar infraestruturas de saúde e educação, produzir e garantir uma diversidade de alimentos, produzir sem o uso de agrotóxicos e etc. é necessário para afirmar ações propositivas no âmbito das políticas públicas, que envolvem, de maneira geral, uma agenda em comum entre as diversas entidades, movimentos sociais, universidades e poderes públicos, para a

promoção da qualidade de vida das pessoas no campo. Percebe-se que muitas iniciativas estão sendo executadas para promover a dignidade das mulheres rurais, exemplo disso são as instituições de ater que surgiram como autorias nos resumos publicados. Um trabalho publicado, por uma destas instituições, mostrou pontualmente uma atividade, de geração de renda alternativa, com a confecção de artesanatos. Analisando mais profundamente, percebe-se que esta alternativa foi gerada a partir da escassez do pescado (produto econômico principal da comunidade pesqueira), pelo tempo de defeso e pelo fato das mulheres não terem a carteira da pescadora, que garante um salário neste período. A primeira pergunta que surgiu foi: Por que o artesanato e não outra atividade, que poderia indicar um distanciamento da esfera doméstica, para iniciar um processo emancipador naquelas mulheres? Entendendo que a situação daquelas pescadoras poderia ser frágil neste período do defeso e o corpo técnico da extensão rural deveria iniciar uma ação positiva para a vida daquelas mulheres, a opção mais razoável, em trabalhar com artesanatos, pode ter sido tomada em conjunto com elas. A partir desta reflexão, surgiram outras duas perguntas: de que forma estamos preparadas (técnicas, lideranças comunitárias e pesquisadoras) para iniciar a desconstrução do valor simbólico da esfera doméstica colocado às mulheres? Desta forma, caberia a elas a escolha de outras atividades que não as mantivessem na situação de desigualdade. Por outro lado, será que as pessoas que trabalham com a realidade rural conseguem problematizar a situação de desigualdade e de pobreza entre as mulheres? Oportunizar, naquele momento de fragilidade social da comunidade, e iniciar um processo de politização dos problemas enfrentados por aquelas mulheres, poderia ser uma estratégia para iniciar um processo de auto-organização entre elas? Será que diante da problematização da realidade consegue-se também iniciar a desconstrução do valor simbólico, da esfera doméstica e dos cuidados, colocado às mulheres?

Estas questões da conclusão ficam abertas neste estudo para reflexão e apropriação por parte das diversas autorias e instituições que vêm promovendo a agroecologia no Brasil. O tema vem ganhando espaços cada vez maiores nos congressos e garantir a reflexão sobre a realidade de mulheres rurais torna-se cada vez mais demandante e necessária para encontrar respostas e ações positivas diante das desigualdades, sexual, social e econômicas, existentes no mundo rural.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. V. de A.; JALIL, L. M. *Desafios para a construção do conhecimento agroecológico com abordagem de gênero em uma universidade pública brasileira*. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2.
- AGUIAR, M. V.; SILIPRANDI, E.; PACHECO, M. E. *Mulheres no Congresso Brasileiro de Agroecologia. Agriculturas*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p.46-48, 2009.
- AOKI, P. C. M.; DALBOM, F. L.; SODRÉ, F. N. G. A. de S. A extensão pesqueira na prática organizativa das mulheres pescadoras do distrito de Itaipava-ES, com enfoque na perspectiva de gênero e economia solidária. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 5., 2007, Guarapari. Resumos... Porto Alegre: Resumos do V Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n.2, p. 299.
- ALENCAR, M. de C. F.; AVENTURIER, P.; ABREU, L. S. de; BERNARDO, P. As relações mulher-terra na revista *Agriculturas*: análise temática e léxica. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1
- AVENTURIER, P.; OLLIVIER, G.; ALENCAR, M. de C. F.; BELLON, S. *Estudo cientométrico dos Congressos Brasileiros de Agroecologia*. In: BRANDENBURG, A. *Agroecologia na França e no Brasil: entre redes científicas, movimentos sociais e políticas públicas*. [s. n] 2014. 27p.

- BERNARDI, C. M. As mulheres participando nas cooperativas: olhares sobre o desenvolvimento rural. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2.
- BOCK, M. R.; MOTTO, A. C.; MORAES, M. M. A emancipação econômica e social da Associação nada Mulheres Guerreiras a partir da diversificação. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2.
- BURG, I. C.; LOVATO, P. E. Agricultura familiar, agroecologia e relações de gênero. . In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2., 2004, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. 1522.
- DE BIASE, L.; SILVA JÚNIOR, R. D. Inclusão do protagonismo feminino na agroecologia: um olhar para as diferenças e complementaridades de gênero. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1
- CAMBOIM, I. As relações de gênero nos/entre os grupos Sabor do Cerrado (GSC) e Vida e Preservação (GVP), no assentamento Colônia I, Goiás. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1
- CASTILHO E SILVA, C. B. de; SCHNEIDER, S. *Gênero, trabalho rural e pluriatividade*. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M.; (Orgs). *Gênero e Geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010, p.185-210.
- CAON, K. G.; FEITAL, A. A.; PIRES, F. J.; CRUZ, N. A. C. Mulheres movimentando temáticas em agroecologia: saneamento ecológico como pauta de discussões e ações em comunidades familiares na Zona da Mata e Leste Mineiro. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1
- FARIA, N. *Gênero e trabalho rural 1993/2006*. In DI SABBATO, A. et al. *Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres*. Brasília: MDA/NEAD, 2009, p.31-121.
- FARIA, N.; NOBRE, M. *A produção do viver*. São Paulo: SOF, 2003, 104p.
- FERNANDES, I. L. C. A realidade das mulheres rurais na luta pela Reforma Agrária: ação x anonimato. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba.

- Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p.4405
- FERREIRA, A. P. L. A importância da perspectiva agroecológica no empoderamento das mulheres camponesas: processo mulheres e agroecologia como estudo de caso. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 2114
- HARDING, S. (ed.) *Feminism & methodology*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press e Open University Press, 1987.
- HARDING, S. *Gênero, democracia e filosofia da ciência*. In RECIIS – R. Eletr. De Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.163-168, jan-jun, 2007.
- HEREDIA, Beatriz; GARCIA, Maria France; GARCIA JR., Afrânio. *O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas*. In: AGUIAR, Neuma (Coord.). *Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- HIRATA, Helena. Vida reprodutiva e produção: família e empresa no Japão. In. *O sexo do Trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- KERGOAT, Danièle. Em defesa de uma sociologia das relações sociais. In. *O sexo do Trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- KOSS, M. V. *Feminino + masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades*. São Paulo. Escrituras, 2000 (Coleção ensaios transversais).
- LUZZI, N. *O debate agroecológico no Brasil: uma construção a partir de diferentes atores sociais*. 182p. 2007. Tese (doutorado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rio de Janeiro, 2007.
- MOREIRA, R. C.; CORDEIRO, A. B. M.; FONSECA, H. T.; MEDEIROS, J. C.; BEZERRA, L. M. B. A auto-organização de trabalhadoras rurais do MST na luta pela soberania alimentar: a experiência das camponesas do assentamento Olga Benário. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 397
- NOBRE, M. Censo Agropecuário 2006 – Brasil: uma análise de gênero. In: BUTTO, A.; DANTAS, I.; HORA, K. (Orgs). *As mulheres nas estatísticas agropecuárias*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012, p. 41-118.
- NOBRE, M.; MIGUEL, M. M.; MORENO, R.; DE FREITAS, T. V. *Economia feminista e soberania alimentar: avanços e desafios*. São Paulo: SOF, 2014, 62p.
- PACÍFICO, D. A.; CAPORAL, F. R. Política pública de extensão rural agroecológica: a voz das mulheres no processo de desenvolvimento rural. In: Congresso Brasileiro

- de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1
- PACHECO, Maria Emília Lisboa. *Sistema de produção: uma perspectiva de gênero*. In: Revista Proposta. ano 25, n. 71. Rio de Janeiro: Fase, 1997.
- PETERSEN, P.; ALMEIDA, S.G. Rincões transformadores: trajetórias e desafios do movimento agroecológico brasileiro: uma perspectiva a partir da Rede PTA (Versão provisória). Rio de Janeiro, 2004, 53 p.
- SALVARO, G.I.J; LAGO, M.C.S; CHEIBE, C. “Mulheres Agricultoras” e “Mulheres Camponesas”: Lutas de Gênero, Identidades Políticas e. Revista Psicologia & Sociedade; v. 25, n.1, p.79-89, 2013
- SANTOS, A.M.L.B dos.; JALIL, L.M.; A coragem das mulheres que mudaram a vida das trabalhadoras rurais do Sertão Central-PE.. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2.
- SILIPRANDI, E. Agroecologia, agricultura familiar e mulheres rurais. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2., 2004, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. 845.
- SILIPRANDI, E.C. *Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar*. 2009. 291p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- SPINAK, E. Dicionario enciclopedico de bibliometría, cienciometria e informetria. Montevideo, 1996. 245 p.
- ZULUAGA-SÁNCHEZ, G.; CÁRDENAS, S. Organizaciones de mujeres campesinas: ecologias y economias diversas. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do V Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 1071

Tabela 01 - Identificação das autorias nos Congressos Brasileiros de Agroecologia

| I CBA |
|--|
| 1. SCHLEE, R. L.; MACHADO, C. C., SILVA, P.; OSÓRIO, M. A educação ambiental como instrumento para a construção da ética da sustentabilidade considerando as relações de gênero. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 1., 2003, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2006, v.1, n. 1, p. 1147. |
| 2. SILIPRANDI, E. Políticas de segurança alimentar e papéis de gênero: desafios para a mudança de modelos de produção e consumo. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 1., 2003, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2006, v.1, n. 1, p. 1417. |
| 3. URIARTT, A. H.; PEREIRA, S. R. M.; SIMÓN, X. Preservando e ampliando saberes. A investigação ação participativa desenvolvida pelo grupo de mulheres PRORENDA-ECOCITRUS. In Congresso Brasileiro de Agroecologia, 1., 2003, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2006, v.1, n. 1, p. 1485. |
| II CBA |
| 4. BURG, I. C.; LOVATO, P. E. Agricultura familiar, agroecologia e relações de gênero. . In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2., 2004, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. 1522. |
| 5. DA COSTA, M. S.; KATO, M. do S. “Trabalho de homem, trabalho de mulher”: divisão social de trabalho em cinco localidades agrícolas do nordeste do Pará. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2., 2004, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. 832. |
| 6. DALMINA, S. M.; KASPARY, E. S.; PILAR, M; H.; FALCÃO, A. D. F. Avaliação da participação das mulheres na propriedade e na geração da renda. . In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2., 2004, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. 1306. |
| 7. MAFRA, M. S. H.; FLORIANI, G. dos S. Gênero e desenvolvimento: reflexões metodológicas. . In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2., 2004, Porto Alegre. |

| |
|---|
| Resumos... Porto Alegre: Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. 1773. |
| 8. MELGAREJO, L.; VALLS, A. M. D.; MADRUGA, T.; BORBA, A. Percepções de gênero: o relevante na preservação ambiental. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2., 2004, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. 272. |
| 9. MOURÃO, P. de L. As práticas agroecológicas e as relações de gênero nas estratégias da agricultura familiar. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2., 2004, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. 507. |
| 10. SILIPRANDI, E. Agroecologia, agricultura familiar e mulheres rurais. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2., 2004, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. 845. |
| 11. DE VIDAL, S. P. El enfoque de género en la agroecología: un aporte clave para alcanzar la sustentabilidad. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2., 2004, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. 1649. |
| III CBA |
| 12. BURG, I. C.; LOVATO, P. E.; REIS, M. J. Feiras agroecológicas transformando relações de gênero e de geração no sudoeste do Paraná. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 3., 2005, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. |
| 13. CASTRO, G. T. de N e.; ARAÚJO, A.; DE ALMEIDA, D. R.; DA SILVA, M. M. A produção de hortaliças baseadas nos princípios da agroecologia: a experiência pioneira da associação de mulheres do projeto de assentamento Assurini no município de Altamira-PA. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 3., 2005, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. |
| 14. CONSTANTIM, A.M.; VIEIRA, A. R. R.; REIS, M. J. A questão do gênero no quintal agroflorestal. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 3., 2005, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. |
| 15. DUARTE, W. M.; DE MATTOS, J. L. S. O papel da mulher na agricultura familiar no Agro-Vila 28 do assentamento Antônio Conselheiro. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 3., 2005, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. |
| 16. MELO, W. S.; CAMARGO, M. F. As relações de gênero em um novo modelo de agricultura. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 3., 2005, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. |
| 17. DE SENA, M. das G. C. Gênero como indicador de sustentabilidade: uma experiência em construção. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 3., 2005, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. |
| 18. TECCHIO, A.; MACAGNAN, I. S. Uso de sementes crioulas de hortaliças pelas componentes do movimento de mulheres camponesas de Santa Catarina. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 3., 2005, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n. 1, p. |
| V CBA |
| 19. AOKI, P. C. M.; DALBOM, F. L.; SODRÉ, F. N. G. A. de S. A extensão pesqueira na prática organizativa das mulheres pescadoras do distrito de Itaipava-ES, com |

| |
|---|
| <p>enfoque na perspectiva de gênero e economia solidária. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 5., 2007, Guarapari. Resumos... Porto Alegre: Resumos do V Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n.2, p. 299.</p> |
| <p>20. AOKI, P. C. M.; DALBOM, F. L.; SODRÉ, F. N. G. A. de S. A perspectiva de gênero e da economia solidária na extensão pesqueira através da prática organizativa das mulheres marisqueiras do município de Anchieta, ES. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 5., 2007, Guarapari. Resumos... Porto Alegre: Resumos do V Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n.2, p. 66.</p> |
| <p>21. GALDINO, M.; STAMATO, B.; TASSI, M. E.; MOREIRA, R.; PESTELLI, M.; BERGAMO, A.; PEREIRA, S. Incentivo da utilização de produtos de plantas medicinais dos coletivos de mulheres do assentamento rural Pirituba II em animais de produção. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 5., 2007, Guarapari. Resumos... Porto Alegre: Resumos do V Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n.2, p. 380.</p> |
| <p>22. GAMA, E. V. S.; MARQUES, C. T. dos S.; CARVALHO, A.; SILVA, F.; FRIAS, M. T.; ALMASSY Jr, A. A. Divisão de trabalho entre homens e mulheres na Aldeia Indígena Tupinambá de Serra do Padeiro, Buerarema-BA. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 5., 2007, Guarapari. Resumos... Porto Alegre: Resumos do V Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n.2, p. 1669.</p> |
| <p>23. RIBEIRO, M. B.; FREITAS, C. da S.; RIBEIRO, E. M. O trabalho feminino nos sistemas agroflorestais do Alto Jequitinhonha-MG. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 5., 2007, Guarapari. Resumos... Porto Alegre: Resumos do V Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007, v.2, n.2, p. 507.</p> |
| <p>VI CBA</p> |
| <p>24. ANGELETTI, M. da P.; LAURETT, L.; DE CASTRO, L. L. F.; MUNIZ, E. S.; BERTALUCI, A. H.; WUTKE, I., NUNES, A. O. A arte e o artesanato como estratégia de trabalho com mulheres rurais. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 1540.</p> |
| <p>25. AOKI, P.; CUNHA, L.; CUNHA, K. A perspectiva de gênero e da economia solidária na prática organizativa das pescadoras do projeto Mulheres de Ponta, Balneário de Ponta da Fruta, Vila Velha-ES. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 1439.</p> |
| <p>26. ARIAS GUEVARA, M. A. Relaciones de genero en agricultores familiares de base agroecológica: estudio de casos en la región metropolitana de Paraná. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Guarapari. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 4090.</p> |
| <p>27. AZEVEDO, M. A.; SANTIAGO, F. Conversão agroecológica de hortas e pomares: um processo de aprendizagem pela prática de agricultores e agricultoras na região semi-árida brasileira. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 3395.</p> |
| <p>28. CARDOSO, E.; RIBEIRO, S.; BARLETTO, M. As mulheres de Minas dão a cara e coragem à construção da agroecologia. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 3542.</p> |
| <p>29. CHÁVEZ-GARCIA, E.; GALMICHE-TEJEDA, A.; RIST, S. Mujer y agroecosistema: el papel del género en el manejo del huerto familiar en una comunidad del Plan Chontalpa, Tabasco, Mexico. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007,</p> |

| |
|---|
| Curitiba. Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 4038. |
| 30. FERNANDES, I. L. C. A realidade das mulheres rurais na luta pela Reforma Agrária: ação x anonimato. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p.4405 |
| 31. FERREIRA, A. P. L. A importância da perspectiva agroecológica no empoderamento das mulheres camponesas: processo mulheres e agroecologia como estudo de caso. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 2114 |
| 32. MOREIRA, R. C.; CORDEIRO, A. B. M.; FONSECA, H. T.; MEDEIROS, J. C.; BEZERRA, L. M. B. A auto-organização de trabalhadoras rurais do MST na luta pela soberania alimentar: a experiência das camponesas do assentamento Olga Benário. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 397 |
| 33. SCHOTTZ, V.; CARDOSO, E. Intercâmbio e sistematização de experiências agroecológicas de mulheres. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 2384 |
| 34. SILIPRANDI, E. C. O processo de organização das mulheres dentro da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) no Brasil. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 440 |
| 35. SILVA, M. M. T.; BRITO, M. N. S.; SILVA, M. M. da; SILVA, R. A. R.; MOURA, H. F. A participação das mulheres no sistema de produção no P.A. Assurini – Município de Altamira-Pará. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 1584 |
| 36. TARDIN, J. M. Jornada de agroecologia: camponesas e camponeses em movimento construindo o sustento da vida e a transformação da sociedade. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 382 |
| 37. ZULUAGA-SÁNCHEZ, G.; CÁRDENAS, S. Organizaciones de mujeres campesinas: ecologías y economías diversas. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6., 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do V Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v.4, n.1, p. 1071 |
| VII CBA |
| 38. ALENCAR, M. de C. F.; AVENTURIER, P.; ABREU, L. S. de; BERNARDO, P. As relações mulher-terra na revista Agriculturas: análise temática e léxica. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 39. BARLETTO, M.; BEVILACQUA, P. D.; CARDOSO, E. M. Análise de noções de espaço, lugar e cartografias nas metodologias participativas da formação em gênero e agroecologia. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. |
| 40. DE BIASE, L.; SILVA JÚNIOR, R. D. Inclusão do protagonismo feminino na agroecologia: um olhar para as diferenças e complementaridades de gênero. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |

| |
|---|
| 41. CAMBOIM, I. As relações de gênero nos/entre os grupos Sabor do Cerrado (GSC) e Vida e Preservação (GVP), no assentamento Colônia I, Goiás. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 42. CAON, K. G.; FEITAL, A. A.; PIRES, F. J.; CRUZ, N. A. C. Mulheres movimentando temáticas em agroecologia: saneamento ecológico como pauta de discussões e ações em comunidades familiares na Zona da Mata e Leste Mineiro. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 43. DE PAULA, M. C.; RIBEIRO, D. D.; SOUZA, R. O. Resultados da introdução da atividade apícola no processo de transição agroecológica no assentamento Santa Rita, em Jataí-GO. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 44. GONDIM, M. de F. R.; ARAÚJO, I. T. de; OLIVEIRA, I. A. de. A experiência da rede xique xique RN: entrelaçando agroecologia, feminismo e economia solidária. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 45. LADEIRA, P. D.; MACHADO, T. R.; CAON, K.; FEITAL, A. A.; CARDOSO, E. M. Mulheres e agroecologia: capacitando mulheres para a luta em defesa da vida e do meio ambiente. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 46. MAIA, Z. M. G.; SIQUEIRA, E. S. O papel das mulheres na reconstrução do conceito de ruralidade: uma experiência de trabalho feminino da Associação de Mulheres Pescadoras e Artesãs do município de Grossos-RN. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 47. MARINHO, A. D. S.; ESMERALDO, G. G. S. L.; ROSENO, A. M. dos S.; ABRANTES, K. K. de J.; DE OLIVEIRA, C. M. G. A contribuição da mulher na sustentabilidade da Agricultura Familiar presente no Assentamento Nova Amizade de São Bento em Quixeramobim-CE. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 48. MARONHAS, M. E. S.; CARDOSO, E. M.; SCHOTTZ, V. R.; MATOS, O. Intercâmbio e sistematização da experiências de mulheres – Região Sul. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 49. MICHELIN, M. J.; ALVEZ, E.; JALIL, L.; MARTINS, K.; MOURA, G. A participação das mulheres na feira agroecológica de Santa Cruz da Baixa Verde. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 50. PACÍFICO, D. A.; CAPORAL, F. R. Política pública de extensão rural agroecológica: a voz das mulheres no processo de desenvolvimento rural. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 51. SANTOS, A. da S.; SILVA, S. B. dos S.; OLIVEIRA, L. C. L.; LIMA, R. da S.; CURADO, F. F.; RODRIGUES, R. F. de A. Divisão sexual do trabalho e resistência do extrativismo atual, um estudo no assentamento /SE. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |

| |
|---|
| 52. SANTOS, L. M. O.; CARVALHO, M.A. O trato feminino do quintal: uma experiência de transição agroecológica – Diamantina/MG 2011. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 53. SILVA, F. C.; SANT'ANNA, A. L.; SOUZA, G. M. O enfrentamento da adversidades e a persistência de um grupo de mulheres: o caso do Projeto Horta Mandala em um assentamento do noroeste paulista. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| 54. SOUSA, I. C. F.; GOMES, D. S.; ARAÚJO, M. B. M.; FEITOSA, C. A. A.; FEITOSA, M. J. A.; ESMERALDO, G. G. S. L. Mapa de gênero: o protagonismo das mulheres no Assentamento Nova Canudos – Umirim/CE. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 7., 2011, Fortaleza. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, v.6, n.2, p. 1 |
| VIII CBA |
| 55. AGUIAR, M. V. de A.; JALIL, L. M. Desafios para a construção do conhecimento agroecológico com abordagem de gênero em uma universidade pública brasileira. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 56. OLIVEIRA, M. G.; ARAUJO, C. S.; SILVA, L. M. S.; SANTOS, W.; ALVES, S. C. Mulheres em movimento: o Grupo de Trabalhadoras Artesanais e Extrativistas – GTAE no sudeste do Pará. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 57. BARROS, M. E. N.; GAMARRA ROJAS, G.; PEREIRA, R.; SILVA, Y. L.; ALMEIDA, B. C. de.; ABREU, F. S. C. de. O cultivo de plantas medicinais apoiado em práticas sustentáveis e sua contribuição para saúde. O exemplo das mulheres de Itaoca-Parangaba, Fortaleza, CE. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 58. BERNARDI, C. M. As mulheres participando nas cooperativas: olhares sobre o desenvolvimento rural. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 59. BOCK, M. R.; MOTTO, A. C.; MORAES, M. M. A emancipação econômica e social da Associação nada Mulheres Guerreiras a partir da diversificação. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 60. CARDOSO, C. L.; ASSIS, D. S. da S.; SCHEUER, J. M.; NEVES, A. M. A. da S.; NESPOLI, A. Apoio do sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Cáceres/MT à produção e comercialização dos produtos da agricultura familiar. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 61. CHIMINI, L.; LUDTKE, R. C.; DEPONTI, C. M. Resgate de saberes e sabores do cotidiano: o Coletivo de Mulheres do Movimento Pequenos Agricultores (MPA)-RS In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 62. FERT NETO, J.; SOUZA, P.; MADRUGA, J.; FERNANDES, P.; WERTER, S. D. Práticas agroecológicas, gênero e reprodução social da ruralidade no Planalto Sul de Santa Catarina. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. |

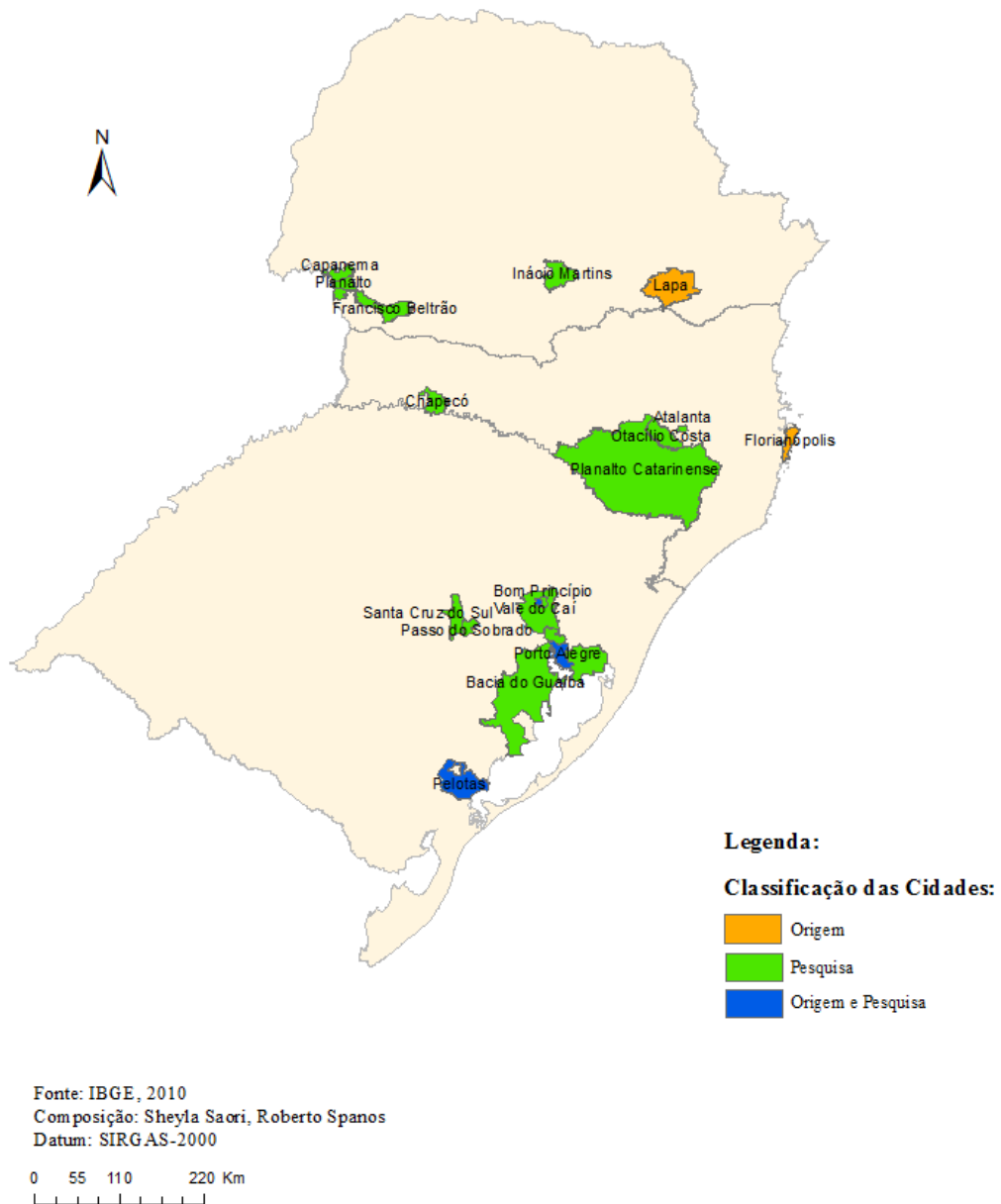
| |
|---|
| Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 63. FORMENTINI, E. A. Experiências de certificação das Associações de Agricultores e Agricultoras de produção orgânica familiar de Santa Maria de Jetibá, ES – Amparo familiar. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 64. IYUSUKA, S. S.; ALENCAR, M. de C. F. A abordagem das relações de gênero nos Congressos Brasileiros de Agroecologia. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 65. JALIL, L.M.; SILVA, F.M.; EGGER, D.; MORAES, L. L.; CALVET, P. Lugar de mulher é na Feira Agroecológica: reconfigurações do espaço feminino em Santa Cruz da Baixa Verde – Brasil. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 66. SILVA, F.M.; JALIL, L.M.; MORAES, L. L.; CALVET, P.; OLIVEIRA, M.do S. da. Grupo de mulheres Reciclarte – reciclando com a arte de fazer diferente no Sertão do Pajeú - Pernambuco In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 67. LADEIRA, P.D.; FEITAL, A. A.; CARDOSO, E.M.; NETO, A. A. L. Gênero e Agroecologia: resignificando o papel da mulher agricultora nos espaços públicos e privados. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 68. LIMA, A. M.; DUARTE, M. S.B.; CARNEIRO, R. F. Implementação de horta agroecológica em abrigo feminino de menores em Capina Grande, PB. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 69. NEVES, A. P.; CHAGAS, V. R.; NAVOLAR, T.S. Uma nova alternativa: a agroindústria de panificação do grupo de mulheres Roseli Nunes no Assentamento José Dias/PR. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 70. OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, S.; SANTOS, S. O trabalho com plantas medicinais: um caminho de fortalecimento da resistência, da renda e participação das mulheres. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 71. SANTOS, A.M.L.B dos.; JALIL, L.M.; A coragem das mulheres que mudaram a vida das trabalhadoras rurais do Sertão Central-PE.. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 72. SENA,S.; AOKI, P.; FERNANDES FILHO, J.A.; SALGADO, J.S. As perspectivas de gênero e da economia solidária na extensão rural por meio da prática organizativa das agricultoras familiares do Norte do Espírito Santo. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 73. SERAFIM, N. K. P.; ANDRADE, R. C. de.; PINTO, M.S.D.; Mulher bonita é a que luta – a resistência feminina ao “Projeto da Morte” em Apodi, Rio Grande do Norte. 8., |

| |
|--|
| 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 74. SILVA, A. T.B. A posição do gênero na agricultura familiar de base agroecológica: um estudo de caso. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |
| 75. SOUZA, M. H. S.; VITAL, A.F.M.; COELHO, G.D.; SOUZA, J.B.; SOUZA, M. M. S. P. de.; MOTA, M.E.F.; Mulheres da Feira Agroecológica de Sumé, PB: prazer no cuidar da vida. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 8., 2013, Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, v.8, n.2. |

Fonte: Iyusuka, S.S., 2015

Figura 1 – Mapa da região Sul

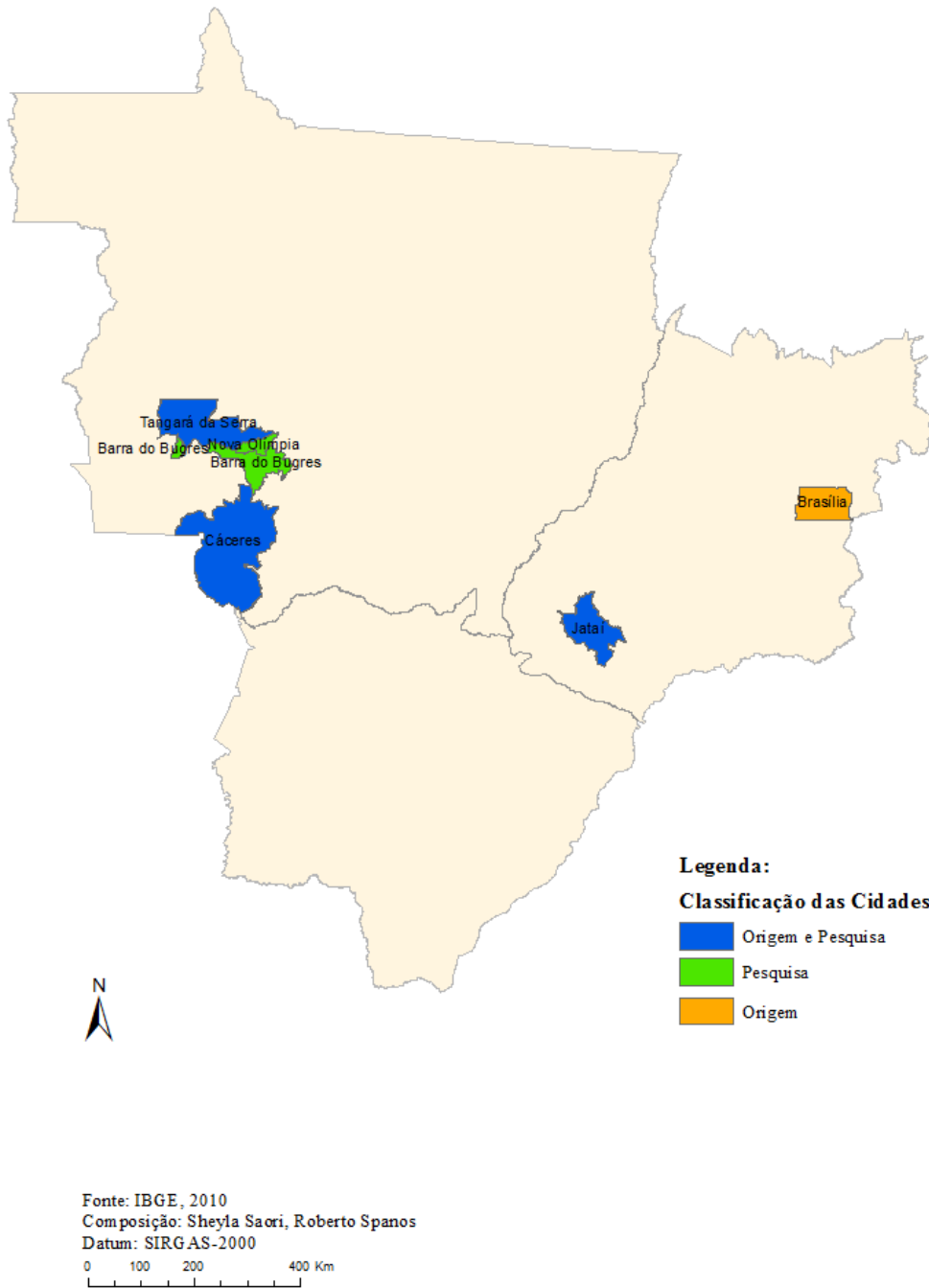
Localização das Cidades das Instituições e Locais de Pesquisa



Fonte: Iyusuka, S.S., 2015

Figura 2- Mapa da região Centro-Oeste

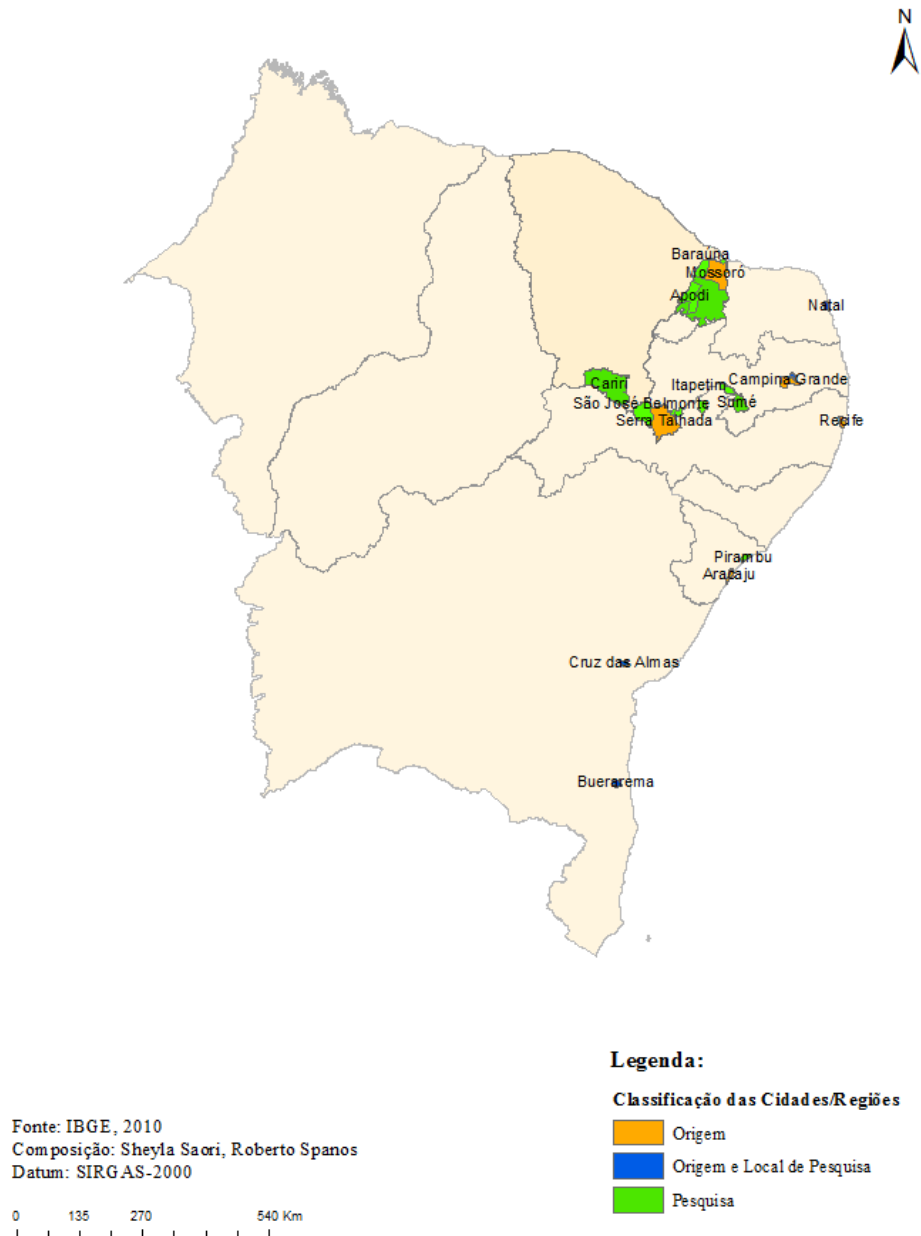
Localização das Cidades das Instituições e Local da Pesquisa



Fonte: Iyusuka, S.S., 2015

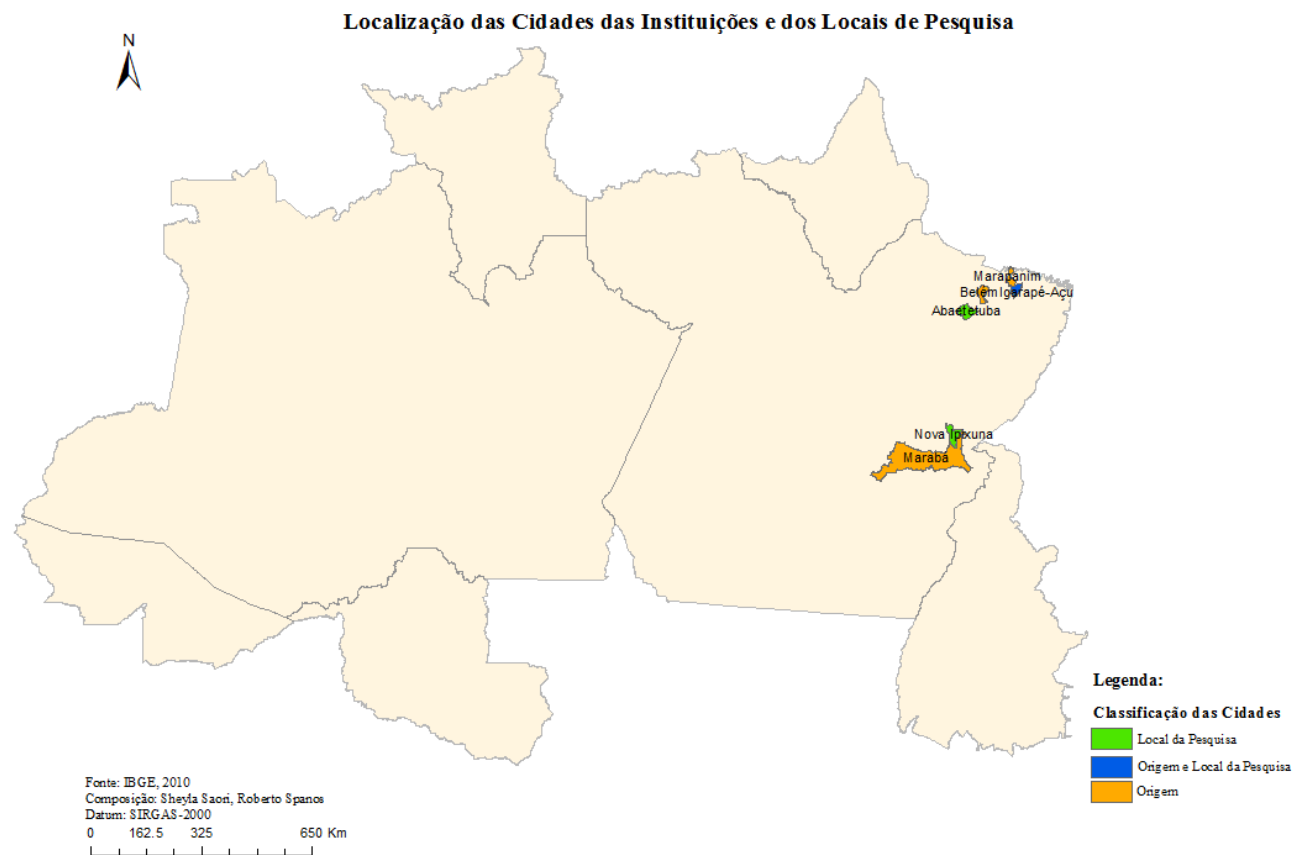
Figura 3 – Mapa da região Nordeste

Localização das Cidades das Instituições e Locais de Pesquisa



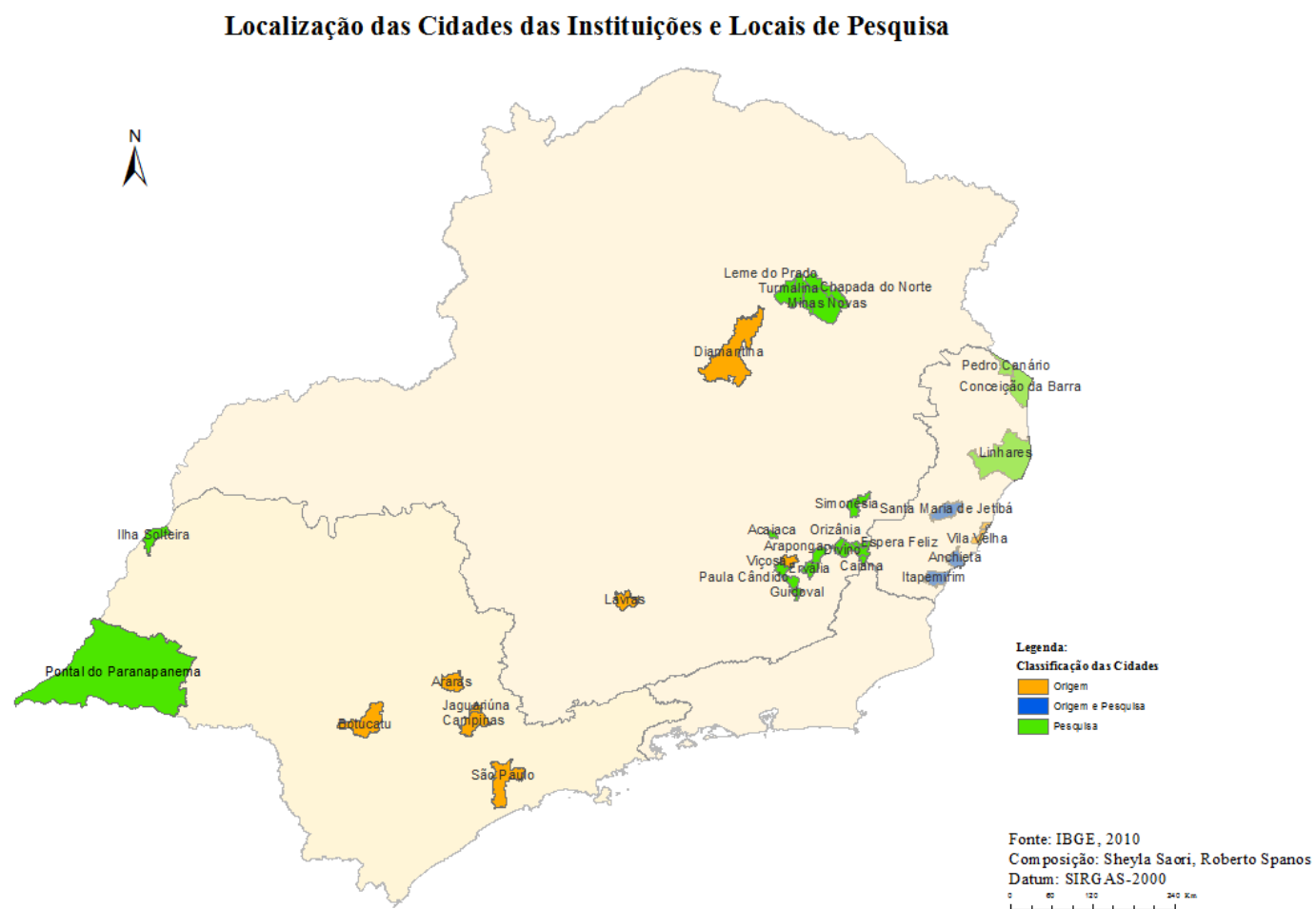
Fonte: Iyusuka, S.S., 2015

Figura 4 – Mapa da Região Norte



Fonte: Iyusuka, S.S., 2015.

Figura 5 – Mapa da região Sudeste



Capítulo 4

Considerações Finais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo levantar informações sobre a mulher rural na agroecologia. Optou-se em investigar esta questão através dos Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBAs) pelo fato de ser o maior evento deste tema no Brasil, agregando pesquisadoras(es), técnicas (os), estudantes e diversas(os) protagonistas do mundo rural. As experiências, estudos de casos e pesquisas que são publicadas nos congressos permitem verificar as mais diversas atividades que envolvem a agroecologia e, no caso das mulheres, constata-se as identidades na qual elas vêm assumindo: pescadoras, artesãs, catadoras, extrativistas, agricultoras, camponesas e etc. Foi a partir destas realidades e o uso destes termos que consegui filtrar os resumos expandidos publicados nos congressos.

A bibliometria favoreceu o estudo pelo fato de organizar os metadados como títulos, autorias, afiliação, resumo e palavra-chave, e na vontade de entender as abordagens das sistematizações dos trabalhos, permitiu cruzar informações relevantes dos dados e o momento que o tema de mulheres e gênero começa a ganhar espaço. Durante todo processo de organização, com a montagem de tabelas e gráficos, verificou-se que muitas outras informações podem ser analisadas: número de autorias mulheres, relação das instituições nas publicações, investigar porque uma região publica mais, e etc. Muitas outras questões também podem surgir para ajudar técnicas e técnicos em suas atuações locais e regionais, como por exemplo investigar se nos locais que existem os projetos e coletivos de mulheres, desde o primeiro CBA, ainda são ativos, verificar a sustentabilidade das ações ou até mesmo se as mulheres conseguiram se auto-organizar e se empoderar da realidade vivida.

Esta dissertação focou alguns dados para dar sentido às abordagens do tema nos congressos. A verificação dos locais das autorias e suas afiliações permitiu identificar os estados e as regiões que mais publicam nos CBAs, além de entender porque algumas instituições publicam mais que outras. Neste sentido, foi necessário levantar e resgatar um pouco da história dos movimentos da agricultura alternativa, o início da agroecologia no Brasil e o envolvimento de várias mulheres, a partir de um grupo de trabalho iniciado no I Encontro Nacional de Agroecologia, no processo de construção e visibilidade das mulheres rurais nos espaços de formação, políticos, acadêmicos e institucionais.

Para a leitura dos resumos e tentar compreender as formas que os congressos vêm abordando as mulheres foi o momento mais desafiante, pois de um lado há uma perspectiva de uma leitura crítica dos resumos sobre a invisibilidade das mulheres na sociedade, de outro, havia a expectativa de entender e “traduzir” como cada resumo conseguia trazer as questões de desigualdades da mulher. Muitas análises e conclusões feitas são baseadas em leituras e isso significa que muitos resumos podem apresentar outros objetivos e contextos que foram aqui citados. Mas entendendo que este tema já é muito abordado por outras áreas de pesquisa e que o conhecimento é fruto de uma construção coletiva, muitas questões sobre o assunto já foram abordadas por diversas autoras, e quando colocamos alguns questionamentos da agroecologia em visibilizar as mulheres rurais, foi necessário buscar a leitura de Emma Siliprandi. Esta pesquisadora, desde 2003 na primeira edição do CBA, já trouxe questionamentos importantes para o tema e que prevalecem até os dias atuais. Para compreender e manter algumas questões vivas optei em categorizar os resumos, de acordo com seus conteúdos, principalmente pela intenção da autoria em abordar determinado assunto. Desta forma, os resumos foram divididos em: Divisão sexual do trabalho; Agroecologia contribuindo para a visibilidade das mulheres; As mulheres contribuindo para a construção da agroecologia; Geração de renda; Manutenção do conhecimento; Manutenção da biodiversidade; Auto-organização; Segurança alimentar e Políticas públicas. Nestas categorias não foram incluídos cinco resumos, dos quais tinham apenas as referências dos termos: agricultoras, trabalhadoras e camponesas no título.

Muitos dos trabalhos apresentados possuem, em seus conteúdos, as contradições dos papéis exercidos entre homens e mulheres. Apresentaram as diferenças das atividades que envolvem os sexos e como a subordinação da mulher em atividades de extensão doméstica acabam invisibilizando sua importância e contribuição para a agroecologia. Na categoria de geração de renda, percebe-se como as mulheres vão ganhando espaços e se protagonizando nas comunidades. A busca da autonomia feminina, por meio de questões econômicas, torna-se importante neste momento histórico pela busca da igualdade. O tema sobre mulheres é crescente nas edições dos CBAs e alguns espaços, oficiais dos eventos, foram conduzidos por mulheres e para mulheres: mesas redondas, oficinas e palestras. A forma como o assunto vem se projetando, mostrando, principalmente, que as desigualdades que se aplicam às mulheres devem ser enfrentadas, repercute de maneira positiva entre as

diversas autorias presentes nos congressos. Todos os resumos, mesmo em momentos que não haviam eixos específicos para apresentação de trabalhos nos CBAs, de alguma maneira dialogam e questionam o papel e a invisibilidade das mulheres, seja na agricultura, na pesca, no extrativismo e etc.

Algumas questões foram feitas, durante as conclusões dos artigos que compõem esta pesquisa, e ficam abertas neste estudo para reflexão e apropriação por parte das diversas autorias e instituições que vêm promovendo a agroecologia no Brasil. O tema vem ganhando espaços cada vez maiores nos congressos e garantir a reflexão sobre a realidade de mulheres rurais torna-se cada vez mais demandante, e necessária para encontrar respostas e ações positivas, diante das desigualdades sexual, social e econômicas existentes no mundo rural.